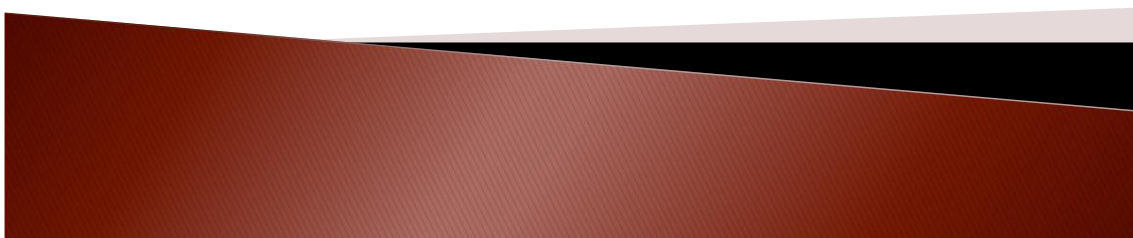




INTRODUÇÃO A KARDEC

CRBBM, RJ



Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.

...

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se lhes associam. Nós vos convidamos, a vós homens, para o divino concerto. Tomai da lira, fazei uníssonas vossas vozes, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do Universo.

...



Trecho de instrução mediúnica que se encontra no Prefácio da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Kardec.

O presente trabalho tem como fonte, principalmente, o “Quadro dos Principais Fatos Referentes à Allan Kardec e às Origens do Espiritismo”, de Sílvio Seno Chibeni, publicado no ‘site’ da Federação Espírita Brasileira.

Baseia-se também, entre outras, na obra “Allan Kardec”, 3 volumes, de autoria de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, na segunda parte de “Obras Póstumas”, de Kardec e no livro “Biografia de Allan Kardec”, de Henri Sausse (que se encontra também no opúsculo “O Que é o Espiritismo”, de Kardec, em edição da Federação Espírita Brasileira).

Além, naturalmente, dos cinco livros básicos que compõem a codificação kardequiana, com ênfase em O Livro dos Espíritos, e outras obras complementares.

Allan Kardec

Perfil Biográfico



O Codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, nasceu a 03 de outubro de 1804, em Lyon, a segunda maior cidade francesa, depois de Paris.

Seus pais foram Jean Baptiste Antoine Rivail, homem de leis, e Jeanne Louise Duhamel.

A família residia na rua Sala, 76, construção demolida ainda em meados do século XIX (a numeração vai hoje até o 46).

Quanto ao seu nome civil, há autores e referências categorizados, que apresentam diferenças relacionadas à sua grafia. Adotamos neste trabalho, conforme Francisco Thiesen e Zêus Wantuil, entre outros:

HYPPOLITE LÉON DENIZARD RIVAIL

que era, também, a forma adotada na assinatura de suas obras literárias, como educador, antes de passar a assinar como Allan Kardec, embora DENIZARD HYPPOLITE LÉON RIVAIL, com pequenas alterações, seja citado por muitos como seu registro civil.



Lyon, cidade de nascimento de Rivail, situa-se na região de Rhone-Alpes. Marcada pelos cumes de suas montanhas, reúne hoje o maior número e as mais famosas pistas de esqui do mundo. Essas estações se mesclam com os vilarejos espalhados pelos vales. É considerada a capital do esqui alpino. Lyon é a capital desta região, no sudeste da França. Esta é sua aparência nos dias atuais.

Lyon tem tradição milenar. Foi a capital da Gália, ainda no tempo do Império Romano...

Em viagem feita após a codificação da doutrina, em 1860, Kardec vai declarar, com relação ao Espiritismo nascente: “Se Paris é a cabeça, Lião será o coração.”



Perspectiva de Lyon, ainda no século XIX...



Em 1815, aos 11 anos, Rivail vai estudar com Pestalozzi em Yverdon, na Suíça.

Pestalozzi (Johann Heinrich Pestalozzi, Zurique, 12 de janeiro de 1746 - Brugg, 17 de fevereiro de 1827) já era, então, um consagrado educador, reconhecido em toda a Europa. As melhores famílias enviavam seus filhos para o seu internato, onde recebiam primorosa formação escolar...

Adotava um método de ensino que respeitava o aluno e valorizava e incentivava o esforço pessoal na aprendizagem (método

heurístico), com base na observação e no estudo; fundamentava-se no amor.

Abrangia vários ramos do conhecimento humano como: Mineralogia, Botânica, Zoologia, Anatomia Comparada, elementos de Fisiologia e Psicologia, Línguas (antigas ou da época), Matemática (Aritmética, Álgebra, Geometria), Mecânica, noções de Astronomia.

Segundo Sausse, Kardec tornou-se um dos mais eminentes discípulos de Pestalozzi, contribuindo para difusão de seu método não apenas na França, como na Alemanha.



Perspectiva aérea recente da histórica escola de Pestalozzi (castelo construído em 1135, pelo Duque de Zähringen).



Em 1822, aos 18 anos, Rivail deixa Yverdon e vai morar em Paris...

Na verdade, não há certeza plena sobre essa data. Sabe-se que em janeiro de 1823, ele já residia à Rue de la Harpe, 117.

Rue de la Harpe, atualmente, na altura do nº 58.



Sabe-se também que, pelo menos de 1828 a 1831, Kardec morou na Rue de Vaugirard, 65.

Na foto, a aparência atual da Rue de Vaugirard.



Em 1824, aos vinte anos, Rivail publica seu primeiro livro didático, em dois volumes ...

O “Curso Prático e Teórico de Aritimética”, concebido segundo o método pestalozziano, foi publicado em Paris.

Segundo Sausse, Kardec era “bacharel em letras e em ciências Linguista insigne, conhecia a fundo e falava corretamente o alemão, o inglês, o italiano e o espanhol; conhecia também o holandês, e podia facilmente exprimir-se nesta língua.” ...“Membro de várias sociedades sábias, notadamente da Academia real d’Arras, foi premiado, por concurso, em 1831, pela apresentação da sua notável memória: Qual o sistema de estudo mais em harmonia com as necessidades da época?”

Título	Ano	Páginas	Objetivo
Curso Teórico e Prático de Aritmética	1824	624	Exercícios de cálculo mental
Escola de Primeiro Grau	1825	8	Sobre a fundação escolar
Plano Proposto para Melhoria da Educação Pública	1828	56	Melhorias educacionais na França
Os Três primeiros Livros de Telêmaco	1830	220	A origem das palavras
Gramática Francesa Clássica de Acordo com um Novo Plano	1831	160	Melhoria na gramática francesa
Memória sobre a Instrução Pública	1831	16	Sugestão para revisão do ensino francês
Memória a respeito desta questão: Qual o Sistema de Estudo mais em Harmonia com as Necessidades da Época?	1831	-	Trata da reforma dos estudos clássicos
Discurso pronunciado por ocasião da distribuição dos Prêmios de 14 de agosto de 1834	1834	12	Premio recebido pelo plano geral de educação
Programa de Estudos Segundo o Plano de Instrução de H.L.O. Rivail	1838	-	Ensino Primário
Curso Completo Teórico e Prático de Aritmética	1845	336	Complemento do primeiro de 1824
Manual de Exames para Certificados de Capacidade	1846	144	Soluções de Aritmética
Programa de Cursos Usuais de Física, Química, Astronomia e Fisiologia	1847	121	Para uso nos estudos primários
Soluções dos Exercícios de Aritmética	1847	36	Soluções para o curso completo de Aritmética
Tratado de Aritmética	1847	121	Curso de aritmética
Projeto de Reformas referentes aos Exames e aos Educandários para Moçosinhos	1847	-	Projeto de Reforma do Ensino
Catecismo Gramatical da Língua Francesa	1848	108	Para uso nos estudos primários
Gramática Normal dos Exames	1849	450	Soluções para as questões sobre gramática francesa
Ditados Normais dos Exames	1849	224	Vários tipos de exames gramaticais
Ditados da Primeira e da Segunda Idade	1850	120	Para uso nos estudos primários
Curso de Cálculo Mental	-	118	Para uso dos instrutores

Esse foi realmente o primeiro de uma série de trabalhos...



Em 1825 Rivail funda a sua primeira escola. Era uma escola de ensino primário: “École de Premier Degré”.

E, em 1826, funda o “Instituto Rivail”.

Era um instituto técnico, sito à Rue de Sèvres, 35. Funcionou até 1834.

Baseava-se nos mesmos princípios do Instituto Pestalozziano, em Yverdon, sendo sócio um tio de Rivail, jogador, o que acabaria por provocar a falência do estabelecimento.

Neste mesmo local existiria depois o Lycée Polymathique, dirigido também por Rivail, até 1850, quando foi cedido a A. Pilotet.

A partir dessa data o Prof. Rivail não mais exerceria atividades didáticas.



Aparência da Rua Sèvres, no século XIX.



No mundo das letras e do ensino, que frequentava em Paris, Denisard Rivail encontrou a senhorita Amélie Boudet, 9 anos mais velha, professora com diploma de 1ª classe, vindo a casar-se com ela aos 28 anos de idade, em 6 de fevereiro de 1832.

Conhecida mais tarde entre os espíritas como "Madame Allan Kardec", Amélie-Gabrielle Boudet (1795-1883) colaborou com o esposo em suas atividades didáticas, sendo também autora de três obras na área de Letras e Belas-Artes na qual atuava: "Contos Primaveraes" (1825), "Noções de Desenho" (1826) e "O Essencial em Belas-Artes" (1828).

Nunca tiveram filhos, conforme explicitamente se lê na *Revue Spirite* de 1862.

Rivail e sua esposa foram pessoas dignas, de moralidade inatacável, dedicando-se integralmente ao cultivo dos ideais superiores da cultura, da educação, do bem. Lutaram a favor das

causas da liberdade de ensino e da educação para meninas. Rivail ministrou por muitos anos cursos gratuitos para crianças pobres, segundo Sausse, de química, física, astronomia e anatomia comparada. Além de mestre, foi sempre amigo dos alunos.

Do ponto de vista material, o casal Rivail levou vida simples, não raro enfrentando dificuldades econômicas. Nos anos de maiores limitações, Rivail complementou sua receita com empregos temporários modestos, como o de contador e tradutor.

Seu nome era conhecido e respeitado, seus trabalhos justamente apreciados, muito antes que ele imortalizasse o nome de Allan Kardec.

Sobre sua atitude e comportamento particular, diria Sausse:

“Erraria quem acreditasse que, em virtude dos seus trabalhos, Allan Kardec devia ser uma personagem sempre fria e austera. Não era, entretanto, assim. Esse grave filósofo, depois de haver discutido pontos mais difíceis da psicologia e da metafísica transcendental, mostrava-se expansivo, esforçando-se por distrair os convidados que ele frequentemente recebia na Vila Ségur; conservando-se sempre digno e sóbrio em suas expressões, sabia adubá-las com o nosso velho sal gaulês em rasgos de causticante e afetuosa bonomia. Gostava de rir com esse belo riso franco, largo e comunicativo, e possuía um talento todo particular em fazer os outros partilharem do seu bom-humor.”

De Rivail a Kardec



31 de Março de 1848
Irmãs Fox



Kate,
Margareth
e Leah

A história do Espiritualismo moderno começa com o episódio das Irmãs Fox, na cidade de Hydesville, estado de Nova Iorque, Estados Unidos, em 1848.

Na noite de 28 de março daquele ano, nas paredes de madeira do barracão de John D. Fox, campeiro e pastor da Igreja Episcopal Metodista, começam a surgir pancadas incomodativas, perturbando o sono da família. As meninas Katherine e Margaret, de 9 e 12 anos respectivamente, correm para o quarto dos pais, assustadas com os golpes nas paredes e teto.

Embora as pesquisas feitas no interior e exterior da casa, sem identificar a causa da ocorrência, em 31 de março, toda a família Fox recolhe-se mais cedo, após três noites seguidas sem conciliar o sono. Porém logo as pancadas reaparecem ainda mais fortes, verdadeiros estrondos que fazem tremer os próprios móveis do quarto. Então Kate, a mais nova e muito viva, e já um pouco acostumada aos ruídos, resolve bater com as próprias mãos, desafiando o “autor desconhecido” a fazer o mesmo. Logo, um mesmo número de pancadas se faz ouvir. Refazendo o processo, há novas repetições, que cessavam quando a menina também parava. Percebem então, perplexos e temerosos, que o “som” reage de forma “inteligente” aos seus movimentos, ou conforme proposto por eles. A “comunicação” se acentua pelo resto da noite e a família pergunta quem está fazendo as pancadas, obtendo então a revelação de que seu autor era o Espírito de uma pessoa assassinada naquela residência, anos antes.

O método das pancadas, com um número pré-fixado delas para o sim, outro para o não, e ainda para as diversas letras do alfabeto, adotado pela família neste primeiro contato com o Espírito que a perturbava, foi muito utilizado, depois, nas sessões das chamadas “mesas girantes”, recebendo o nome de tiptologia.

A repercussão dos episódios de Hydesville foi imensa; nos Estados Unidos grupos diversos começaram a tentar conseguir, nos seus luxuosos salões, o contato com os “mortos”, dando início à moda das “mesas girantes”, que atravessou os oceanos e chegou à Europa e também ao Brasil.

Mesas Girantes



Foto da Connecticut State Library

sonambulismo provocado, tendo inclusive participado, segundo alguns, dos trabalhos da Sociedade de Magnetismo de Paris. Em posterior encontro, Fortier lhe diz:

“Eis aqui uma coisa que é bem mais extraordinária: não somente se faz girar uma mesa, magnetizando-a, mas também se pode fazê-la falar. Interroga-se, e ela responde.”

“Isso”, replicou o Sr. Rivail, “é uma outra questão. Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita-me que não veja nisso senão uma fábula para provocar o sono.”

No início de 1855, o Sr. Carlotti faz-lhe longo relato dos singulares fenômenos. Embora Rivail o conhecesse há 25 anos, mais uma vez expressa reservas, dado o temperamento exaltado do amigo, tão em oposição ao seu.

“Você um dia será dos nossos”, disse-me ele. “Não digo que não,” respondi-lhe eu, “veremos isso mais tarde.”

Em maio do mesmo ano, Rivail vai, em companhia de Fortier, à casa da Sra. Roger, sonâmbula, onde conhece o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison. Este lhe fala dos fenômenos, mas com seriedade e frieza, o que o predispõe, finalmente, a observar os fatos.

“O Sr. Pâtier era funcionário público, de certa idade, homem muito instruído, de caráter grave, frio e calmo; sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, produziu-me viva impressão...”



observar mais atentamente do que tinha podido fazer.”

Tal se deu em sessões na casa do Sr. Baudin, à rua Rochechouart:

“Foi aí que fiz os meus primeiros estudos sérios em Espiritismo, menos ainda por efeito de revelações que por observação. Apliquei a essa nova ciência, como até então o tinha feito, o método da experimentação; nunca formulei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as consequências; dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que sempre procedi em meus trabalhos anteriores, desde a idade de quinze a dezesseis anos. Compreendi, desde o princípio, a gravidade da exploração que ia empreender. Entrevi nesses fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro, a solução do que havia procurado toda a minha vida; era, em uma palavra, uma completa revolução nas ideias e nas crenças; preciso, portanto, se fazia agir com circunspeção e não levianamente, ser positivista e não idealista, para me não deixar arrastar pelas ilusões...”

Rivail afirma, ainda:

“Até então, [...] as sessões em casa do Sr. Baudin não tinham nenhum fim determinado; propus-me, aí, fazer resolver os problemas que me interessavam sob o ponto de vista da filosofia, da psicologia e

As “mesas girantes e dançantes” espalham-se por toda a Europa.

Em fins de 1854, Rivail (que tinha, então, 51 anos...) é informado pelo Sr. Fortier, magnetizador seu conhecido, acerca da ocorrência dos fenômenos. Inicialmente, Fortier lhe pergunta se sabia da singular propriedade recém-descoberta no Magnetismo, de ser possível magnetizar não apenas pessoas, mas também mesas, conseguindo que elas girem e caminhem à vontade, ao que Kardec responde não lhe parecer tal radicalmente impossível, uma vez que o fluido magnético pode atuar sobre os corpos inertes e fazer com que se movam. Cabe ressaltar que Rivail era, há anos, um estudioso do Magnetismo e, particularmente, do

A convite de Pâtier, ainda em maio de 1855, Rivail assiste a algumas experiências na casa da Sra. Plainemaison, sita à Rue Grange-Batelière, 18. Rivail impressiona-se com os fenômenos, que se verificavam em condições “que não deixavam lugar para qualquer dúvida. [...] Havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia naquelas aparentes futilidades [...] qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo.”

“A ocasião se me ofereceu e pude

da natureza do mundo invisível... A princípio eu não tinha em vista senão a minha própria instrução; mais tarde, quando vi que tudo aquilo formava um conjunto e tomava as proporções de uma doutrina, tive o pensamento de o publicar, para instrução de todos...”

1856

Revelação da Missão de Rivail e do nome Allan Kardec



Narra Sausse que, uma noite, seu Espírito protetor, Z., deu-lhe, por um médium, uma comunicação de todo pessoal, na qual lhe dizia, entre outras coisas, tê-lo conhecido em uma precedente existência, quando, ao tempo dos Druidas, viviam juntos nas Gálias. Ele se chamava, então, Allan Kardec, e, como a amizade que lhe havia votado só fazia aumentar, prometia-lhe esse Espírito secundá-lo na tarefa muito importante a que ele era chamado, e que facilmente levaria a termo.

A 30 de abril, pela mediunidade da Srta. Japhet, Rivail tem a primeira notícia de sua missão, em linguagem bastante alegórica. Esta primeira comunicação, escrita, foi realizada com

auxílio de uma cesta (poderia ser de vime – veremos adiante) e que, ao citar Kardec, para ele se volta “como teria feito uma pessoa que me apontasse o dedo”, nas suas próprias palavras.

Em oportunidade logo posterior à primeira comunicação, Kardec pede aos espíritos confirmação do que lhe havia sido exposto; entre outras observações, lhe afirmam:

“...se observares as tuas aspirações e tendências e o objeto quase constante das tuas meditações, não te surpreenderás com o que te foi dito. Tens que cumprir aquilo com que sonhas desde longo tempo. É preciso que nisso trabalhes ativamente, para estares pronto, pois mais próximo do que pensas vem o dia.”

Outras se seguiram, de cunho mais positivo.



Rivail submetia aos Espíritos séries de questões visando a elucidar problemas relativos à filosofia, à psicologia e à natureza do mundo invisível. Um grupo de intelectuais encarregou-o de analisar e joeirar cerca de 50 cadernos com comunicações espirituais diversas.

Com relação às sessões, inicialmente na casa do Sr. Baudin, e posteriormente particulares, narra Kardec: “Não me contentei com essa

verificação que os Espíritos me haviam recomendado. Tendo-me as circunstâncias posto em relação com outros médiuns, toda vez que se oferecia ocasião, eu a aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam mais melindrosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram seu concurso a esse trabalho. E foi da comparação e da fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes refeitas no silêncio da meditação, que formei a primeira edição de O Livro dos Espíritos, a qual apareceu em 18 de abril de 1857.”

Em aproximadamente 12 anos, surgiram mais quatro volumes preciosos, da chamada Codificação Kardequiana combinando, de maneira surpreendente e histórica, a revelação sobre o mundo espiritual, a aproximação entre ciência e religião e o resgate do Cristianismo em sua versão original. Além do “Pentateuco”, há também outras publicações como “O Que é o Espiritismo”, “O Espiritismo em sua Mais Simples Expressão” e registros de algumas de suas viagens além de “Obras Póstumas”, publicada pela primeira vez em 1890 pela Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.



Por volta de outubro de 1857 iniciam-se reuniões espíritas na residência do casal Allan Kardec, à Rue des Martyrs, 8. Aconteciam às terças-feiras à noite, e o médium principal era a Srta. Ermance Dufaux. Com o número crescente de frequentadores, fez-se indispensável encontrar um local mais amplo. A solução encontrada foi alugar uma sala, cotizando-se as despesas entre as pessoas. Assim dá-se, em 1º de abril de 1858, a fundação da ‘Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas’, na Rue des Martyrs, 1.

É ainda neste ano de 1858 que surge

também a ‘Revista Espírita’, narra Sausse:

“Urgido pelos acontecimentos e pelos documentos que tinha em seu poder, Allan Kardec formara, em razão do êxito de *O Livro dos Espíritos*, o projeto de criar um jornal espírita.... Allan Kardec perguntou aos seus guias, no dia 15 de novembro de 1857, por intermédio da Srta. E. Dufaux, o que deveria fazer. Foi-lhe respondido que pusesse a sua ideia em execução e que não se inquietasse com o resto.”

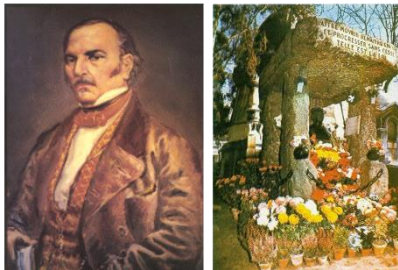
Diz Kardec:

“Apresei-me em redigir o primeiro número e o fiz aparecer no dia 1º de janeiro de 1858, sem nada dizer a pessoa alguma. Não tinha um único assinante, nem sócio capitalista. Fi-lo, pois, inteiramente por minha conta e risco, e não tive de que me arrepender, porque o êxito ultrapassou a minha expectativa. A partir de 1º de janeiro, os números se sucederam sem interrupção, e, como o previra o Espírito, esse jornal se me tornou em poderoso auxiliar.

Reconheci, mais tarde, que era uma felicidade para mim não ter tido um sócio capitalista, porque estava mais livre, enquanto que um estranho interessado teria pretendido impor-me as suas ideias e a sua vontade e poderia embarçar-me a marcha. Só, eu não tinha que prestar contas a ninguém, por mais onerosa que, como trabalho, fosse a minha tarefa.”

31 de Março de 1869

Desencarnação de Allan Kardec



Kardec desencarnou a 31 de março de 1869.

Morreu trabalhando, debruçado sobre uma pilha de livros da livraria que pretendia inaugurar dias mais tarde. A propósito do episódio, há uma pequena história contada pelo nosso Chico Xavier em torno das últimas conversas entre o Codificador e sua esposa, a Sra. Amélie Boudet, sobre o mal-estar que vinha sentindo e o risco do seu não comparecimento à aguardada inauguração:

“Em 1869, no princípio do ano, ele com os espíritas imaginou fazer a primeira livraria espírita do mundo, que seria a livraria de Paris -

hoje, pelas circunstâncias da vida francesa, ela não existe mais... A livraria se propunha a divulgar as obras espíritas. Janeiro, fevereiro, março... Nos últimos dez dias de março, ele sentiu as chamadas dores precordiais, que hoje são tratadas a tempo, mas, no ano de 1869... Começou a sentir aquelas dores no peito, que precedem a determinados problemas difíceis na circulação, como sendo a fibrilação do músculo cardíaco...

A senhora dele, D. Gaby, faltando uns quatro dias para a morte do Codificador, ouviu-o dizer:

— Gaby, eu me sinto indisposto, com muita dor no peito, mas a inauguração da livraria espírita está prevista para o dia 1º de abril; faltam cinco dias para arranjar tudo para uma inauguração tão distinta quanto possível... Eu não me sinto bem, mas dia 1º de abril eu tenho que inaugurar a livraria.

Ela, então, disse: — Mas se você estiver com essa dor muito aumentada, podemos deixar para outra semana, daqui a uns quinze dias - nove anos mais velha do que ele, tinha por Kardec um desvelo também maternal...

Naquela época, as viagens não eram tão fáceis. [...] Os amigos que vinham ajudar, na inauguração, já estavam viajando para Paris, ou com todos os preparativos feitos... A viagem era feita a cavalo, os cavalos em determinadas estações tinham que ser mudados... E os dois começaram a dialogar:



isto também é caridade...

— Já que a sua decisão é tão firme, no caso desse ato inaugural, no caso de você piorar...

— E no caso de eu desencarnar?

— Mesmo assim, se você piorar ou desencarnar eu irei no seu lugar...

E no dia 31 de março ele desencarnou, tudo indica, por um aneurisma; foi repentino. Os amigos começaram a visitar a casa, já bem à noite... Então alguém aventou a hipótese:

— Quer dizer, então, que devemos adiar a inauguração?

D. Gaby respondeu: — Não, eu e meu marido conversamos sobre isto; ele está na urna; amanhã é o primeiro dia do velório, mas, às 10h eu irei cumprir o que a ele prometi; em nome da Doutrina de caridade, eu vou substituí-lo...

De manhã cedo, dia 1º de abril, às 8h, D. Gaby despediu-se do corpo do esposo, e falou com ele que ia cumprir a sua tarefa... Pediu-lhes desculpas por se ausentar de casa e foi para o local... Demorou umas duas horas, deu entrevistas, fez conferências, e depois voltou para junto do corpo do marido... Os jornais da época comentaram muito a sua coragem.

Como percebemos, estamos numa Doutrina, que nem a morte nos pode privar do dever a cumprir.

Ela era mais velha do que ele nove anos, era também doente, muito magra, tinha enxaquecas, e foi cumprir o ato inaugural... Ela mostrou que é possível mesmo diante da morte, cumprir com o dever de caridade.

Um dia como hoje, 31 de março, é interessante lembrar... Então, eu me recordei deste fato que foi lido em francês para mim pelo Dr. Canuto de Abreu. D. Gaby inaugurou a livraria, sem lágrimas, sem lamentações; naturalmente que, com o coração arrasado de dor, mas presente, cumprindo o prometido "...

Kardec desencarnou 21 anos após os fenômenos ocorridos em Hydesville, nos Estados Unidos, e cerca de 15 anos após ter sido informado sobre as "mesas girantes". Em "Obras Póstumas", declara:

"Tirando-me da obscuridade, o Espiritismo me lançou num novo rumo; em pouco tempo, vi-me arrastado por um movimento que me achava longe de prever. Quando concebi a ideia de O Livro dos Espíritos, era minha intenção não me pôr de modo algum em evidência e permanecer desconhecido; mas, para logo ultrapassados os limites que eu imaginara, isso não me foi possível; tive de renunciar ao meu gosto pelo insulamento, sob pena de abdicar da obra empreendida e que crescia de dia para dia; foi-me preciso ceder à impulsão e tomar-lhe as rédeas. À proporção que ela se desenvolvia, mais vasto horizonte se desdobrava diante de mim e lhe distanciava os lindes. Compreendi então a imensidade da minha tarefa e a importância do trabalho que me restava fazer para completá-la. As dificuldades e os obstáculos, longe de me atemorizarem, redobram as minhas energias. Divisei o fim objetivado e resolvi atingi-lo, com a assistência dos bons Espíritos. Sentia que não tinha tempo a perder e não perdi, nem em visitas inúteis, nem em cerimônias estereis. Foi a obra de minha vida. Dei-lhe todo o meu tempo, sacrifiquei-lhe o meu repouso, a minha saúde, porque diante de mim o futuro estava escrito em letras irrecusáveis."

— Nós temos aí talvez mais de 50 companheiros, da França, da Bélgica. Eu não posso deixar, com dor ou sem dor, eu tenho que ir...

— Mas eu, como sua esposa, não acho que isto esteja certo.

— Mas eu não posso desconsiderar o dinheiro que os irmãos gastaram para vir até aqui. — Você me aconselha a adiar, mas, e se eu estiver muito mal, no dia 1º de abril, ou que tenha até mesmo desencarnado, já que estamos numa Doutrina de caridade, o que é que você faria por mim, se eu estiver incapacitado para ir até o local da livraria, já que a inauguração está prevista para as 10h? Não podemos fazer os outros esperarem,

O Livro dos Espíritos

Introdução e Prolegômenos



O Livro dos Espíritos

Estrutura Básica

Introdução
Prolegômenos
Parte Primeira – Das Causas Primárias (04 Cap.)
Parte Segunda – Do Mundo Espírita ou Mundo dos Esp. (11 Cap.)
Parte Terceira – Das Leis Morais (12 Cap.)
Parte Quarta – Das Esperanças e Consolações (02 Cap.)
Total de 1.019 questões



“Página de rosto” de ‘O Livro dos Espíritos’:

FILOSOFIA ESPIRITUALISTA

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA
SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA, A
NATUREZA DOS ESPÍRITOS E SUAS
RELAÇÕES COM OS HOMENS, AS LEIS
MORAIS, A VIDA PRESENTE, A VIDA
FUTURA E O PORVIR DA HUMANIDADE –
SEGUNDO OS ENSINOS DADOS POR

ESPÍRITOS SUPERIORES COM O CONCURSO DE DIVERSOS MÉDIUNS –
RECEBIDOS E COORDENADOS

Por

ALLAN KARDEC

Os aspectos filosófico, científico e religioso da Doutrina Espírita são expostos de modo mais detalhado, respectivamente, em ‘O Livro dos Espíritos’, ‘O Livro dos Médiuns’ e ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’, exatamente os três primeiros volumes básicos da codificação kardequiana.

Também, a organização de ‘O Livro dos Espíritos’, traduz os assuntos gerais desenvolvidos nos demais livros: a parte primeira em ‘A Gênese’, a parte segunda em ‘O Livro dos Médiuns’, a parte terceira em ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’ e a parte quarta em ‘O Céu e o Inferno’.

“Do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras; mas ele é independente de qualquer culto particular.... Pode-se, pois, ser católico grego ou romano, protestante, judeu ou muçulmano, e crer nas manifestações dos Espíritos e, por conseguinte ser espírita; a prova está em que o Espiritismo tem aderentes em todas as seitas. Como moral, ele é essencialmente cristão, pois a que ensina não é senão o desenvolvimento e a aplicação da do Cristo, a mais pura de todas, e cuja superioridade não é contestada por ninguém, prova evidente de que ela é a lei de Deus; ora, a moral é para uso de toda gente.

O Espiritismo, sendo independente de toda forma de culto, não prescreve nenhum, e, por não se ocupar com dogmas particulares, não é uma religião especial, pois ele não tem nem seus padres nem seus templos. Aos que lhe perguntam se fazem bem em seguir tal ou tal prática, ele responde: Se credes que vossa consciência o solicita a fazê-lo, fazei-o: Deus leva sempre em conta a intenção. Em uma palavra, ele não se impõe a ninguém;...” (O Espiritismo em sua Mais Simples Expressão)

Afirma ainda Kardec que o Espiritismo não busca convencer àqueles que estão satisfeitos com suas próprias crenças, mas apresenta-se como alternativa para aqueles que não possuem crença alguma, ou, tendo-a, de fato não a vivenciam ou intimamente a questionam.

Introdução

- › Definição de Espiritismo
- › Definição de Alma
- › Breve Histórico
- › Resumo da Doutrina Espírita
- › Resposta às Principais Objeções

A Introdução de “O Livro dos Espíritos” tem cinco blocos principais.

Nos dois primeiros, o Codificador tem a preocupação de definir os conceitos básicos – Espiritismo e Alma – passando logo em seguida à apresentação do histórico da novel doutrina e à apresentação do resumo de seus pontos essenciais.

Kardec conclui esta etapa introdutória respondendo algumas das principais objeções apresentadas, à sua época, ao Espiritismo.

Elas são interessantes porque algumas são reapresentadas até hoje pelos que discordam da Doutrina sem exatamente conhecê-la, repetindo assim, sem saber, questões e objeções já há muito resolvidas e ultrapassadas...

Introdução

› Definição de Espiritismo

“Diremos, pois, que a **doutrina espírita ou o Espiritismo** tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. **Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas.**”. (“O Livro dos Espíritos”, Introd., Item I)

Kardec começa o seu trabalho definindo o que é Espiritismo. Diz ele:

“Os vocábulos *espírita*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm aceção bem definida. Dar-lhes outra, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o *espiritualismo* é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si

alguma coisa mais do que matéria, é *espiritualista*. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível.

Em vez das palavras *espírita*, *espiritualismo*, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos *espírita* e *espiritismo*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo *espiritualismo* a aceção que lhe é própria”. (“O Livro dos Espíritos”, Introd., Item I)

Introdução

- › Definição de Espiritismo
- › Definição de Alma
 - Princípio da vida material;
 - Princípio da Inteligência;
 - Ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva a sua individualidade após a morte.

“Segundo uns, a alma é o princípio da vida material orgânica. Não tem existência própria e se aniquila com a vida: é o materialismo puro. Neste sentido e por comparação, diz-se de um instrumento rachado, que nenhum som mais emite: não tem alma. De conformidade com essa opinião, a alma seria efeito e não causa.

Pensam outros que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma certa porção. Segundo esses, não haveria em todo o Universo senão uma só alma a distribuir centelhas pelos diversos seres inteligentes durante a vida destes, voltando cada centelha, mortos os seres, à fonte comum, a se confundir com o todo, como os regatos e os rios voltam ao mar, donde saíram. Essa opinião difere da precedente em que, nesta hipótese, não há em nós somente matéria, subsistindo alguma coisa após a morte. Mas é quase como se nada subsistisse, porquanto, destituídos de individualidade, não mais teríamos consciência de nós mesmos. Dentro desta opinião, a alma universal seria Deus, e cada ser um fragmento da divindade. Simples variante do *panteísmo*.

Segundo outros, finalmente, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte. Esta aceção é, sem contradita, a mais geral, porque, debaixo de um nome ou de outro, a ideia desse ser que sobrevive ao corpo se encontra, no estado de crença instintiva, não derivada de ensino, entre todos os povos, qualquer que seja o grau de civilização de cada um. Essa doutrina, segundo a qual a alma é *causa* e não *efeito*, é a dos *espiritualistas*”.

Nós, Espíritas, entendemos a palavra alma conforme esta última significação...

Introdução

- ▶ Definição de Espiritismo
- ▶ Definição de Alma
- ▶ Breve Histórico
 - Mesas Girantes
 - Tiptologia
 - Cestas
 - Psicografia...



Kardec conta, ele mesmo, em linhas gerais, a sequência de eventos que levaram ao descobrimento da psicografia e à sistematização do intercâmbio com o mundo espiritual. Vamos resumir o seu relato, aqui:

“O primeiro fato observado foi o da movimentação de objetos diversos. Designaram-no vulgarmente pelo nome de *mesas girantes* ou *dança das mesas*. Este fenômeno, que parece ter sido notado primeiramente na América, ou, melhor, que se repetiu nesse país, porquanto a História prova que ele remonta à mais alta antiguidade, se produziu rodeado de circunstâncias estranhas, tais

como ruídos insólitos, pancadas sem nenhuma causa ostensiva. Em seguida, propagou-se rapidamente pela Europa e pelas outras partes do mundo. [...]

As primeiras manifestações inteligentes se produziram por meio de mesas que se levantavam e, com um dos pés, davam certo número de pancadas, respondendo desse modo — *sim*, ou — *não*, conforme fora convencionado, a uma pergunta feita. [...]

O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era *Espírito* ou *Gênio*, declinou um nome e prestou diversas informações a seu respeito. Há aqui uma circunstância muito importante, que se deve assinalar. É que ninguém imaginou os *Espíritos* como meio de explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra.”

Introdução

- ▶ Definição de Espiritismo
- ▶ Definição de Alma
- ▶ Breve Histórico
 - Mesas Girantes
 - Tiptologia
 - Cestas
 - Psicografia...



“Tal meio de correspondência era, porém, demorado e incômodo. O Espírito (e isto constitui nova circunstância digna de nota) indicou outro. Foi um desses seres invisíveis quem aconselhou a adaptação de um lápis a uma cesta ou a outro objeto. Colocada em cima de uma folha de papel, a cesta é posta em movimento pela mesma potência oculta que move as mesas; mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traça por si mesmo caracteres formando palavras, frases, dissertações de muitas páginas sobre as mais altas questões de filosofia, de moral, de metafísica, de psicologia, etc., e com tanta rapidez quanta se se

escrevesse com a mão. [...]

O conselho foi dado simultaneamente na América, na França e em diversos outros países. [...]

Vai buscar, no aposento ao lado, a cestinha; amarra-lhe um lápis; coloca-a sobre o papel; põe-lhe os teus dedos sobre a borda. [...]

Reconheceu-se mais tarde que a cesta e a prancheta não eram, realmente, mais do que um apêndice da mão; e o médium, tomando diretamente do lápis, se pôs a escrever por um impulso involuntário e quase febril. Dessa maneira, as comunicações se tornaram mais rápidas, mais fáceis e mais completas.

Hoje é esse o meio geralmente empregado e com tanto mais razão quanto o número das pessoas dotadas dessa aptidão é muito considerável e cresce todos os dias.

Finalmente, a experiência deu a conhecer muitas outras variedades da faculdade mediadora, vindo-se a saber que as comunicações podiam igualmente ser transmitidas pela palavra, pela audição, pela visão, pelo tato, etc., e até pela escrita direta dos *Espíritos*, isto é, sem o concurso da mão do médium, nem do lápis. [...]

Introdução

- ▶ Definição de Espiritismo
- ▶ Definição de Alma
- ▶ Breve Histórico
- ▶ Resumo da Doutrina Espírita

▶ Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.

▶ Criou o Universo, que abrange todos os seres animados, e inanimados, materiais e imateriais.

▶ Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo

invisível ou espírita, isto é, dos *Espíritos*.

- ▶ O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.

- ▶ O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita.
- ▶ Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade.
- ▶ Há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.
- ▶ O laço ou *perispírito*, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, porém que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições.
- ▶ Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade....
- ▶ Os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita....
- ▶ Deixando o corpo, a alma volve ao mundo dos Espíritos, donde saíra,...
- ▶ A encarnação dos Espíritos se dá sempre na espécie Humana...
- ▶ As diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas...
- ▶ As qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós...
- ▶ Na sua volta ao mundo dos Espíritos, encontra ela todos aqueles que conhecera na Terra...
- ▶ Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo....
- ▶ Os não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte...
- ▶ Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico....
- ▶ As relações dos Espíritos com os homens são constantes....
- ▶ Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação.
- ▶ Os Espíritos são atraídos na razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca....
- ▶ Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil....
- ▶ A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo... Fazer aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal....
- ▶ Ensinam-nos que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria...
- ▶ Mas, ensinam também não haver faltas irremissíveis, que a expiação não possa apagar....

Introdução

- ▶ Definição de Espiritismo
- ▶ Definição de Alma
- ▶ Breve Histórico
- ▶ Resumo da Doutrina Espírita
- ▶ **Resposta às Principais Objeções**
 1. Resistência da Ciência Oficial;
 2. Charlatanismo;
 3. Demonismo;
 4. Dificuldades na identificação dos comunicantes;
 5. Divergências conceituais;
 6. Divergências de linguagem;
 7. Erros ortográficos;
 8. Explicação "psicológica"
 9. Explicação "meio ambiente"
 10. "Riscos" à saúde e à razão...

Kardec responde, uma a uma, às principais objeções apresentadas ao Espiritismo, ao seu tempo.

Primeiro, questiona as opiniões científicas de cientistas que não se dedicaram a estudar os fenômenos e se pronunciam sobre eles apenas com os preconceitos adquiridos em suas respectivas especialidades...

As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que se pode, à vontade, manipular; os fenômenos que ela produz têm por agentes forças materiais.

Os do Espiritismo têm, como agentes, inteligências que têm independência, livre-arbítrio e não estão sujeitas aos nossos caprichos; por isso eles escapam aos nossos processos de laboratório e

aos nossos cálculos, e, desde então, ficam fora dos domínios da ciência propriamente dita. (O Que é o Espiritismo)

Depois, questiona as generalizações de charlatanismo e demonismo, que rotulam e insultam pessoas sérias que se dedicam ao estudo dos fenômenos, ou para minimizar a importância deles ou porque contrariam os interesses de sua religião.

Na sequência, reúne e resolve igualmente as questões da dificuldade de identificação dos Espíritos comunicantes, bem como as divergências conceituais e de linguagem que apresentam, ou mesmo erros ortográficos, explicando que os Espíritos são apenas os seres humanos desencarnados e, que, para conhecê-los ou reconhecê-los é preciso um exame apurado de suas comunicações, como em qualquer situação da

vida comum, no intercâmbio entre as pessoas, e que as diferenças de opinião, linguagem e ortografia que apresentam no mundo espiritual são apenas o reflexo da mesma diversidade que temos por aqui, onde os níveis educacionais e diferenças de opinião são igualmente visíveis...

Deixando para trás essas objeções mais primárias, fruto de um conhecimento incompleto dos fatos, Kardec passa à análise de algumas que assumem a realidade dos fenômenos, mas atribuem aos mesmos causas diferentes do que a dos Espíritos..

A primeira delas – a psicológica – atribui a causa dos fenômenos ao Espírito dos médiuns, que entrariam num processo de lucidez magnética ou sonambulismo. Neste caso, pergunta Kardec, por que todos os médiuns, em coro, atribuiriam os fenômenos a outros Espíritos que não os seus? Que “lucidez” seria essa, que os levaria a erro tão grosseiro?

Depois, sugeriu-se que os médiuns tirariam as informações do meio ambiente... Verificou-se a impossibilidade desta hipótese através da própria experimentação, mostrando que as informações apresentadas pelos Espíritos vão por vezes, muito além do que é conhecido pelos circunstantes – por exemplo – idiomas...

Finalmente, sugeriu-se que o estudo do Espiritismo trazia riscos à saúde e à razão... Kardec relembra, então, que nenhum ramo do conhecimento está livre de se ver associado a um problema mental qualquer, e que exemplos há em todos os campos, completando, ainda, que o Espiritismo, esclarecendo as causas dos males e das dores humanas, contribui muitas vezes para a prevenção destes males, favorecendo a calma e o equilíbrio diante das adversidades da vida...

“Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado.”

“O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá.”

E com a seguinte consideração termina Kardec, a ‘Introdução’:

“A razão nos diz que entre o homem e Deus outros elos necessariamente haverá, como disse aos astrônomos que, entre os mundos conhecidos, outros haveria, desconhecidos. Que filosofia já preencheu essa lacuna? O Espiritismo não-la mostra preenchida pelos seres de todas as ordens do mundo invisível e estes seres não são mais do que os Espíritos dos homens, nos diferentes graus que levam à perfeição. Tudo então se liga, tudo se encadeia, desde o alfa até o ômega.”

Prolegômenos



“Ocupa-te, cheio de zelo e perseverança, do trabalho que empreendeste com o nosso concurso, pois esse trabalho é nosso. Nele pusemos as bases de um novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade. [...]”

“Porás no cabeçalho do livro a cepa que te desenhamos, porque é o emblema do trabalho do Criador. Aí se acham reunidos todos os princípios materiais que melhor podem representar o corpo e o espírito. O corpo é a cepa; o espírito é o licor; a alma ou espírito ligado à matéria é o bago. O homem quintessência o espírito pelo trabalho e tu sabes que só mediante o trabalho do corpo o Espírito adquire conhecimentos.”

“Não te deixes desanimar pela crítica. [...] Com a perseverança é que chegarás a colher os frutos de teus trabalhos. [...]”

“Lembra-te de que os Bons Espíritos só dispensam assistência aos que servem a Deus com humildade e desinteresse e que repudiam a todo aquele que busca na senda do Céu um degrau para conquistar as coisas da Terra; que se afastam do orgulhoso e do ambicioso. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira erguida entre o homem e Deus. São um véu lançado sobre as claridades celestes, e Deus não pode servir-se do cego para fazer perceptível a luz.”

São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís, O Espírito de Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg, etc., etc.

Concluído este esforço inicial, o Codificador reproduz, no início de “O Livro dos Espíritos”, uma bela mensagem onde teve revelada a sua missão e a previsão das dificuldades que enfrentaria para desempenhá-la, que ele apresenta na forma de Prolegômenos. Reproduzimos alguns trechos...

O termo prolegômeno tem sido usado como introdução (ou prefácio) a um estudo mais particular de qualquer ciência. É uma espécie de estudo preparatório para que se possa compreender melhor o assunto numa exploração posterior.

A finalidade do prolegômeno não é chegar à conclusão de um assunto, mas determinar quais são os pressupostos básicos que vão determinar a conclusão de um estudo.

Numa interpretação mais ampla e geral, prolegômeno é a base da ciência e da cultura. (Wikipédia)

“Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência.” (Introdução – A Gênese)

O Livro dos Espíritos

Parte Primeira Das Causas Primárias



O Livro dos Espíritos

► Parte Primeira

- I. De Deus
- II. Dos Elementos Gerais do Universo
- III. Da Criação
- IV. Do Princípio Vital

Em ‘A Gênese’ trata-se da ‘Criação’, dos ‘Milagres’ e ‘Predições’.

Quanto à ‘Criação’, há direta correlação com a ‘Parte Primeira’ do L.E.; alguns de seus capítulos: Deus, Papel da Ciência na Gênese, Uranografia Geral, Gênese Orgânica, Gênese Espiritual, Gênese Mosaica.



Kardec não poderia ter sido mais feliz e oportuno na seleção da primeira questão de “O Livro dos Espíritos”: “Que é Deus?”. Observem que ele não usa um prenome pessoal, “quem”, humanizando a divindade, mas se coloca filosoficamente diante do desconhecido perguntando “o que” é Deus.

Estava ali começando um dos mais incríveis diálogos da história humana, do homem com o desconhecido, com os Espíritos, que durante tanto tempo foram objeto de tantas fantasias e mitos, mas que, finalmente, ali estavam, apresentando-se, descrevendo a si e ao seu mundo, como nunca dantes fora feito.

Em ‘A Gênese’, temos: Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. *Para compreendê-lo, ainda nos falta o sentido próprio, que só se adquire por meio da completa depuração do Espírito.*

A nova era da Humanidade, a Era Espírita, em que os dois mundos, o material e o espiritual, finalmente se encontraram e dialogaram, não poderia ter tido um início mais rico e significativo.



seja, o Universo, ou mesmo a criação, porque é anterior e transcendente à ela (Q. 2, 3, 14, 15 e 16).



Embora esquivem-se de definir Deus, talvez por saberem que as palavras humanas, de tão pequeninas, não podem conter em si a Divindade, por melhores e mais elogiosas que sejam, os Espíritos nos ensinam diversas coisas sobre Ele.

Primeiro, preocupam-se em distingui-lo da criação, demonstrando, claramente, o erro das visões "panteístas", que apresentam Deus como o produto de sua própria criação, no sentido de ser o somatório de tudo o que existe (do grego pan = tudo + théos = Deus).

Revelam, assim, que embora Deus tenha a infinitude como um de seus atributos, não se confunde com o que nós chamamos de infinito, ou

O sentimento instintivo que a humanidade, em geral, tem da existência de Deus, e que inclui até os selvagens, livres da influência da educação, é outra comprovação de sua existência, e de como ela está impregnada na alma humana... (Q. 5 e 6)



Enfim, o homem não pode ainda, na Terra, compreender a Divindade, faltando-lhe para tanto um futuro sentido (Q. 10 e 11), mas pode presumir alguns de Seus principais atributos: Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente e soberanamente justo e bom (Q. 12 e 13).

“Diante desses problemas insondáveis, cumpre que a nossa razão se humilhe. Deus existe: disso não poderemos duvidar. É infinitamente justo e bom: essa a sua essência. A tudo se estende a sua solicitude: compreendemo-lo. Só o nosso bem, portanto, pode ele querer, donde se segue que devemos confiar nele: é o essencial. Quanto ao mais, esperemos que nos tenhamos tornado

dignos de o compreender.” (A Gênese)



Da busca do entendimento de Deus, Kardec parte para a tentativa do conhecimento do princípio das coisas, de tudo o que existe, de tudo que é.

Os Espíritos indicam, então, que há limites para o conhecimento do homem na Terra (Q. 17 e 18), e apontam, desde logo, a possibilidade de estreita cooperação entre a ciência e a religião, mostrando que esta última pode complementar o que à outra não seja possível ainda desenvolver... (Q. 19 e 20)



Entrando mais especificamente no tema, Kardec tenta primeiro conceituar a Matéria, mas se serve, para tanto, da classificação clássica, newtoniana...

“22. Define-se geralmente a matéria como sendo — o que tem extensão, o que é capaz de nos impressionar os sentidos, o que é impenetrável. São exatas estas definições?”

“Do vosso ponto de vista, elas o são, porque não falais senão do que conheceis. Mas a matéria existe em estados que ignorais. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil, que nenhuma impressão vos cause aos sentidos. Contudo, é sempre matéria. Para vós, porém, não o seria.”

Estávamos ainda em 1857, longe portanto da teoria da relatividade geral de Einstein, que só surgiria mais de cinquenta anos depois, em 1915, ou mesmo da Física Quântica, também do início do século XX mas, dentro das limitações conceituais vigentes, os Espíritos já salientam os diferentes estados possíveis para a matéria.

Willian Crookes descobriria o estado radiante da matéria anos mais tarde, conquistando o Nobel por esta descoberta.

Na definição dada sobre a Matéria, os Espíritos enfatizam mais o aspecto religioso do tema, deixando para outro momento os aspectos mais científicos da questão...



O passo seguinte é a tentativa da compreensão do Espírito. A definição obtida (Q. 23) é sucinta, mas abrangente em seu significado.

“Deus é Espírito”, ensina-nos Jesus em seu diálogo com a Samaritana. (Jo., 4:24). “Deus é a Inteligência Suprema...”, vimos logo no início de “O Livro dos Espíritos”. Ora, se fomos criados à sua “imagem e semelhança”, faz todo sentido que o Espírito seja exatamente o “princípio inteligente”, porque é o efeito derivado da Causa Inteligente, e o efeito é sempre a imagem e semelhança da causa de que se origina...

O calor é mais intenso próximo à chama, assim como a luz, próxima à lâmpada...

A água é mais pura quanto mais

próximos estamos da fonte.

Repetindo: O efeito é tão mais semelhante à sua causa quanto mais próximo dela se encontra.

Logo, se Deus é Espírito e é Inteligência, é natural que os seres que dele se originam sejam igualmente espirituais e inteligentes, à imagem e semelhança da Causa de que provém...

Em sua obra “O Universo Auto-Consciente”, o Dr. Amit Goswani, PHD de física, indiano, diz que “a matéria prima da criação é a consciência”.

No Evangelho de João (1:1) diz-se que “no princípio era o Logos”...
Logos é a palavra grega que significa ... Consciência!
Vamos voltar a esta questão mais à frente, quando tratarmos da Criação...



de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.”

Kardec não consegue, ainda, depreender a relação entre estes três elementos, que só viria mais tarde, nas obras de Roustaing e Ubaldi, mas têm o mérito de já reuni-los e apontá-los como a fonte de tudo o que existe...



matéria primitiva.”

33. A mesma matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?

“Sim e é isso o que se deve entender, quando dizemos que tudo está em tudo!”

“Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o *éter* ou *matéria cósmica* primitiva, geradora do mundo e dos seres. Ora, assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, também todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos e que, pelos desígnios eternos, foi soberanamente imposta à criação, para lhe imprimir harmonia e estabilidade.” (A Gênese)

Na questão 27, Kardec conclui essa primeira abordagem sobre os Elementos Gerais do Universo apontando Deus como causa de todas as coisas e o Espírito e a Matéria como os elementos fundamentais do Universo.

Na resposta dada à referida questão, no entanto, os Espíritos acrescentam ainda a esta “base” essencial o fluido cósmico universal, “colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima”. Acrescentam ainda ser esse o princípio “sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado

O principal, neste ponto, é já começar a trabalhar um conceito que para nós, mais tarde, se revelará fundamental para a compreensão da origem da Criação e do Universo, e que será amplamente destacado nas obras de Roustaing e Ubaldi: o da Unidade da Substância, a unidade na diversidade.

Esta questão é trabalhada nas questões 30 a 33 de O Livro dos Espíritos, conforme a seguir:

30. A matéria é formada de um só ou de muitos elementos?

“De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos, são transformações da



Tratando da criação do universo e da formação dos mundos, os Espíritos dão o mínimo de informação possível (Q. 38 e 39), apenas para dar início à abordagem ao assunto que, mais tarde, terá o seu desenvolvimento próprio... : “Tudo o que podemos dizer e podeis compreender é que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no Espaço...”

Observem que a teoria do Big Bang, por exemplo, só surgiria na nossa ciência aproximadamente um século mais tarde; o trato destas questões, em 1857, seria realmente prematuro sob todos os aspectos...



É importante, neste ponto, observar bem o âmbito em que se situa Kardec quando da abordagem deste tema, “A Criação”. O Codificador se concentra na formação da Terra e no seu povoamento inicial, o tempo inteiro, sem entrar em detalhes de outros aspectos possíveis para o mesmo assunto, como criação do Universo e coisas tais...

Segundo os Espíritos, a Terra continha em seus próprios elementos constitutivos os componentes necessários para o surgimento da vida (Q. 43 a 49), incluindo-se neste processo a raça humana, cujo surgimento nada tem a ver com a lenda de Adão (Q. 50 e 51).

Vale a pena ver, a este respeito, o termo “autopoiese” (do grego auto, “próprio” e poiésis, “criação”), cunhado nos anos 70 do século passado pelos biólogos e filósofos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios.

Revelan-nos ainda os Espíritos que o homem surgiu em muitos pontos do globo (Q. 53) simultaneamente, daí a diversidade aparente das raças (Q. 52). Este ponto parece estar hoje em contradição com o que acredita a ciência, que indica a África como o território de origem da raça humana, mas estamos ainda acompanhando a diversidade de opiniões sobre este assunto ao longo dos anos...



Neste capítulo, talvez a informação mais relevante, porque corajosa e absolutamente original, se levarmos em conta de que estávamos então em 1857, é a de que “todos” os globos que povoam o espaço são habitados (Q. 55), embora com constituições físicas diversas (Q. 56), assim como para os seres que os habitam (Q. 57).

A hipótese da vida em outros mundos anima hoje a alta ciência, incluindo a NASA, só que ainda buscamos modelos de vida parecidos com o nosso, sem nos darmos conta de que, se a casa do Pai tem muitas moradas, tem também em si uma diversidade infinita de habitantes...



vital dá impulsão aos órgãos, a ação destes entretém e desenvolve a atividade daquele agente, quase como sucede com o atrito, que desenvolve o calor.”

A causa da morte dos seres orgânicos é o esgotamento de seus órgãos, cuja matéria se decompõe naturalmente após o seu tempo limite (Q. 68 a 70).



independe da matéria. (Q. 72-a). Ela tem por fonte a inteligência universal (Q. 72).

O instinto é um tipo de inteligência (Q. 73), dentre as muitas que hoje sabemos ter, dados os trabalhos do psicólogo cognitivo Howard Gardner...

“O princípio espiritual é corolário da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, visto que não se poderia conceber a soberana inteligência a reinar, pela eternidade em fora, unicamente sobre a matéria bruta, como não se poderia conceber que um monarca terreno, durante toda a sua vida, reinasse exclusivamente sobre pedras. [...]”

A coletividade dos Espíritos constitui, de certo modo, a alma do Universo. Por toda parte, o elemento espiritual é que atua em tudo, sob o influxo do pensamento divino.” (A Gênese)

Kardec tenta também entender um pouco a essência da vida...

Para nós, hoje, na linguagem atual, o princípio vital é a eletricidade... (Q. 65)

A composição química das matérias orgânica e inorgânica é em muitos aspectos parecida (Q. 60 e 61), a diferença entre uma e outra é a sua união com este elemento de “vitalização” (Q. 62).

Explica Kardec:

“O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe impulsão da atividade íntima ou princípio vital que entre eles existe. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo que o agente

Este item “Inteligência e Instinto” tem a ver com as diversas definições de alma, comentadas quando tratamos da introdução de “O Livro dos Espíritos”.

Sendo o princípio vital um tipo de “energia” ou “fluido” que “anima” a matéria, pode surgir também a questão se a inteligência não seria igualmente um atributo dele, ou seja, produto da matéria, conforme o materialismo ainda acredita hoje em dia.

Os Espíritos tem o cuidado de salientar, no entanto, o fato de que a inteligência não é um atributo do princípio vital (Q. 71), mas sim uma faculdade própria de cada ser, constituindo a sua individualidade moral de Espírito, e portanto

O Livro dos Espíritos

Parte Segunda

Do Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos



O Livro dos Espíritos

► Parte Segunda

- I. Dos Espíritos
- II. Da Encarnação dos Espíritos
- III. Da Volta dos Espíritos, Extinta a Vida Corpórea, à Vida Espiritual
- IV. Da Pluralidade das Existências
- V. Considerações sobre a Pluralidade das Existências
- VI. Da Vida Espírita
- VII. Da Volta do Espírito à Vida Corporal
- VIII. Da Emancipação da Alma
- IX. Da Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal
- X. Das Ocupações e Missões dos Espíritos
- XI. Dos Três Reinos



Nesta segunda parte, destaca-se o ineditismo do fato de se ter uma descrição completa da vida espiritual, desde os aspectos básicos – como surgem ou são criados os Espíritos, como se dá a encarnação, como se dá o retorno à vida espiritual – até o estudo das suas sensações e condições de vida no mundo espiritual. É uma verdadeira antecipação da coleção André Luiz, psicografada por Chico Xavier...

Lembramos que foi em 1855 que Kardec assistiu pela primeira vez ao fenômeno das “mesas girantes”, de que ouvira falar em 1854.

Na ‘Revista Espírita’, edição de janeiro de 1859, é narrado fato acontecido em 1855, através de carta de uma mãe ao seu filho, sobre ocorrências

havidas com a filha de 10 anos, irmã dele e que, quando menos, ilustra a variedade de possíveis intervenções do mundo espiritual no mundo físico (O Louquinho de Bayonne):

“Numa tarde, há cerca de três meses, tua irmã X teve necessidade de sair para fazer uma compra. Como bem sabes, o corredor da casa é bastante longo e nunca está iluminado; mas o velho hábito de o percorrermos sem luz faz que jamais tropeçemos nos degraus da escada. X já nos havia dito que cada vez que saía escutava uma voz a dizer-lhe coisas que, de início, não compreendia o sentido, mas que se tornaram inteligíveis mais tarde. [...]

As palavras proferidas por esse ser invisível tendiam sempre a tranquilizá-la e dar-lhe conselhos de muita sabedoria. [...] “Minha filha – dizia-lhe o invisível cada vez que ficava perturbada – nada temas, porquanto só quero o teu bem.” [...]

Várias vezes ele nos pôs a par do que fazias à noite; viu-te a ler em teu quarto; outras vezes nos disse que teus amigos estavam reunidos em tua casa. [...]

Desde algum tempo X tem mantido relações quase contínuas com o invisível; durante o dia ela nada vê; ouve sempre a mesma voz, que lhe dirige palavras de grande sensatez, encorajando-a ao trabalho e ao amor a Deus. À noite ela vê, na direção de onde parte a voz, uma luz rosada que não ilumina, mas que, segundo pensa, pode ser comparada ao brilho de um diamante na sombra. Agora, todo o temor que sentia desapareceu. [...]

“Mamãe, é um anjo que me fala, e se, para te convenceres, tu te armares de coragem, ele me pede para te dizer que, esta noite, fará com que te levantes. Se te falar, deverás responder. Vai aonde ele te mandar; verás pessoas à tua frente; mas não tenhas medo algum.” Não quis pôr à prova minha coragem: tive medo, e a impressão que isso me causou impediu-me de dormir. [...]

Exortei X a interrogar o invisível sobre a sua natureza. Eis a conversa que tiveram entre si:

X – Quem és tu?

Invisível – Sou teu irmão Eliseu.

X – Meu irmão morreu há doze anos.

Invisível – É verdade; teu irmão morreu há doze anos, mas, como em todos os seres, nele havia uma alma que não morre e que se acha agora em tua presença, que te ama e a todos protege.

X – Gostaria de ver-te.

Invisível – Estou diante de ti.

X – Entretanto nada vejo.

Invisível – Tomarei uma forma visível para ti. Após o ofício religioso tu descerás; ver-me-ás, então, e eu te abraçarei.

X – Mamãe também queria conhecer-te.

Invisível – Tua mãe é a minha; ela me conhece. Eu teria preferido manifestar-me a ela, e não a ti: era o meu dever; mas não posso mostrar-me a várias pessoas, porquanto Deus mo proíbe. Lamento que mamãe não tenha tido coragem. Prometo dar-te provas de minha existência e, então, todas as dúvidas desaparecerão.

À noite, à hora marcada, X se dirigiu à porta do templo. Um rapaz apresentou-se a ela e lhe disse: “Sou teu irmão. Pediste para ver-me. Estás satisfeita? Abraça-me logo, porque não posso conservar por muito tempo a forma que tomei.”

Como bem imaginas, a presença desse ser deveria ter espantado X a ponto de impedi-la de fazer qualquer observação. Tão logo a abraçou, ele desapareceu no ar. [...]

“Deverias ter ficado bastante surpreendida com o meu desaparecimento. Pois bem! Vou ensinar-te a te elevares no ar, a fim de poderes acompanhar-me.” Fosse outra pessoa e X teria ficado apavorada com a proposta. Ela, porém, aceitou a oferta com diligência e logo sentiu que se elevava como uma andorinha. Chegou rapidamente a um local onde havia uma multidão considerável. [...] Ela reconheceu várias meninas de sua idade que moravam em nossa rua e que haviam morrido há muito tempo. [...]

Eu estava resfriada nestes últimos dias. Antes de ontem tuas irmãs estavam ocupadas e eu não dispunha de ninguém para mandar comprar uma pomada peitoral. Disse a X que quando ela tivesse acabado sua tarefa fosse procurar alguma coisa na farmácia mais próxima. Ela esqueceu minha recomendação e eu mesma não pensei mais nisso. Estou certa de que ela não saiu, nem deixou o trabalho senão para ir buscar uma sopeira de que necessitávamos. Grande foi sua surpresa ao retirar-lhe a tampa e encontrar um pacote de pastilhas de cevada que o invisível havia trazido e ali depositado, a fim de poupar-me de uma caminhada e, também, para satisfazer meu desejo, que havia sido esquecido.”



Kardec inicia esse bloco estudando a origem e a natureza dos Espíritos...

Nesse estágio inicial da Doutrina, os Espíritos que ditaram a Codificação não nos dizem muito sobre a nossa origem: “como e quando cada um de nós foi feito [...] nenhum o sabe” (Q. 78). “A época e o modo por que essa formação se operou são desconhecidos” (Q. 79). “A origem [...] é mistério” (Q. 80).

Esclarecem-nos, no entanto, que após criados, a existência dos Espíritos não tem fim...



Mundo Normal Primitivo

A criação primeira foi toda espiritual. O mundo material poderia nunca ter existido ou mesmo deixar de existir, sem que isso alterasse a essência do mundo espiritual, que pré-existe e sobrevive a tudo...

Inteligência Suprema, faz sentido que os Espíritos, feitos “à sua imagem e semelhança”, no dizer inspirado de Moisés (Gen. 1:26 e 27), sejam igualmente “princípios inteligentes”.

Na mesma medida poderíamos dizer, agora, que, se Deus/Causa é Espírito, faz todo sentido que a Criação Primeira/Efeito seja igualmente espiritual, porque o efeito é tão mais semelhante à sua Causa quanto mais próximo dela se encontra, no tempo ou no espaço... “a água é mais pura próxima à fonte”, “o calor mais intenso próximo à chama”...

Esses esclarecimentos são fundamentais para o aprofundamento dos estudos sobre a criação original e a gênese do Universo...

1. Dos Espíritos



Forma e Ubiquidade dos Espíritos

O Espírito é, para nós, em sua essência, comparável a uma chama, um clarão, uma centelha etérea (Q.88), cujo colorido vai do escuro e opaco até uma cor brilhante, qual o rubi (Q.88-a).

(Q. 91).

Ainda assim, deixam-nos “algumas pistas” que serão importantes para o estudo deste tema, mais à frente: a criação primeira foi toda espiritual. O mundo espírita preexiste e sobrevive a tudo (Q. 85). O mundo material poderia nunca ter existido ou mesmo deixar de existir, sem que isso alterasse a essência do mundo espiritual (Q.86).

Voltamos aqui aos comentários feitos em torno da questão de número 23, em que se define Espírito como o “princípio inteligente do universo”.

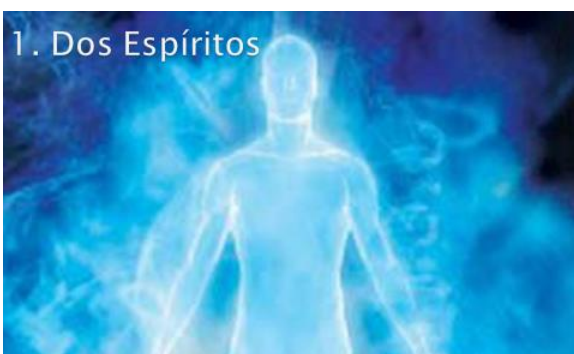
Lembramos, então, a frase célebre de Jesus, em seu encontro com a samaritana – “Deus é Espírito” (Jo, 4:24) – e a relação de semelhança que sempre existe entre causa e efeito. Se Deus é

Foi através de O Livro dos Espíritos que a Humanidade passou a conhecer e a entender um pouco melhor, também, a natureza dos Espíritos e suas formas de manifestação.

O Espírito é, para nós, em sua essência, comparável a uma chama, um clarão, uma centelha etérea (Q. 88) cujo colorido vai do escuro e opaco até uma cor brilhante, qual o rubi (Q. 88-a).

É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para nós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos nossos sentidos (Q. 82).

Com a força de seu pensamento, os Espíritos podem percorrer rapidamente imensas distâncias (Q. 89) e nenhuma matéria lhes impõe obstáculos



Não se deve, no entanto, compará-lo a uma “fumaça”, completamente aeriforme. Espírito também tem corpo – um corpo espiritual – chamado perispírito – porque formado de uma substância sutil, semimaterial, retirada dos fluidos de cada globo.

Não se deve, no entanto, compará-lo a uma “fumaça”, completamente aeriforme. Espírito também tem corpo – um corpo espiritual – chamado perispírito (Q. 93) – porque formado de uma substância sutil, semimaterial, retirada dos fluidos de cada globo (Q. 94). O grau de materialidade ou densidade desta substância tem razão com o nível de evolução alcançado. Espíritos mais puros a têm mais sutil, enquanto mostra-se mais grosseira em Espíritos atrasados. (Q. 94-a). Esse “corpo” pode assumir a forma que o Espírito queira (Q. 95), mas é por intermédio dele que o Espírito reconhece a sua própria individualidade (Q. 284).

1. Dos Espíritos



categoria (Q. 113). Ensinam-nos os Espíritos que os que alcançaram este nível não encarnam mais em corpos perecíveis, como os nossos.



Os Espíritos são de diferentes ordens, conforme o nível de perfeição que tenham alcançado (Q. 96). Kardec propõe uma escala para demonstrar esta diversidade (Q. 100 a 113). Os de terceira ordem compõem as cinco primeiras classes, reunindo o lado mais inferior da escala, passando pelos Espíritos Impuros, Levianos, Pseudo-Sábios, Neutros e Batedores / Perturbadores. A segunda ordem reúne a "classe média" espiritual, a faixa onde todos nos encontramos... Espíritos benévolos, sábios e de sabedoria e superiores, com predominante crescente das boas qualidades, em detrimento das más... A primeira ordem Kardec a reservou para os Puros. Jesus seria um exemplo desta última

O "recado" mais importante, nesta questão da Progressão dos Espíritos, é que "eles mesmos se melhoram", conforme nos indica a questão 114. Ou seja, somos frutos de nossos próprios esforços. A "graça" vem da fé (Efésios, 2:8), mas é através das obras que a fé se manifesta no mundo, e a sua grandeza é revelada pelas obras que por ela e com ela realizamos... (Tiago, 2:18)

Deus é Pai, mas é também Sábio e Justo, como vimos (Q. 10) e não oferece graças a quem não as fez por merecer ou cuja fé é estéril em realizações no bem.

O Espírito se aprimora e progride através de seu próprio esforço.

Suas "obras" são todas as suas

manifestações, no mundo, na vida, aquilo que realiza, aquilo que faz e como age a partir dos valores que possui.

Na Família...

No Trabalho...

Na Sociedade...

A maior "graça" é a consciência tranquila do dever bem cumprido, a certeza de que em cada instante da vida fez alguém o melhor e o possível ao seu alcance, em favor de si mesmo e de todos ao seu redor.

A nova revelação reúne e explica a relação entre "graça/fé/obras" no entendimento da Lei do Mérito, justa expressão da Lei de Deus, que renova infinitamente as oportunidades, mas requer de cada um de nós que façamos o nosso caminho a partir do nosso próprio caminhar...

Passando o Espírito não necessariamente pela fieira do mal, mas da ignorância, para chegar ao bem (Q. 120), seu livre-arbítrio se desenvolve à medida em que adquire a consciência de si mesmo (Q. 122) e espíritos prepostos para tal o orientam e encaminham pelas vias do aprendizado e da experiência, respeitando-lhe sempre a individualidade e livre-arbítrio (Q. 262).



"É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram."

"Deus criou os Espíritos simples e ignorantes" (Q. 115, 189 e 190), ou seja, os Espíritos, em sua origem, seriam semelhantes a crianças, ignorantes e inexperientes (Q. 115-a), que só pouco a pouco adquirem os conhecimentos, ao longo da vida. Mais tarde veremos que a indicação, aqui, à "criação" decorre na verdade da escassez de palavras no nosso vocabulário para algumas ideias, porque os Espíritos não se referem aqui à criação primeira, aquela que vimos nas questões 23, 85 e 86, mas sim ao estágio inicial da condição hominal, em meio ao processo evolutivo. É como se dissessem: no estado hominal, o primeiro estágio do homem é esta condição, de simplicidade e ignorância ou inexperiência, quase

infantis...

Os Espíritos não ficam estacionados, no entanto, neste estágio inicial. Todos serão perfeitos, um dia (Q. 116). Depende de cada um a velocidade de seu progresso, certo? Uma criança dócil não instrui mais depressa que outra recalcitrante? (Q. 117). Neste estágio inicial, Deus oferece ao Espírito infante mentores, para orientá-lo no uso de seu livre-arbítrio (Q. 262), mas a liberdade lhe pertence como atributo divino, e, a partir daí, uns podem seguir o caminho do bem e outros do mal, com igual aptidão nas duas direções, conforme as suas decisões, as suas escolhas... (Q.120 e 121)

"É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram" (Q. 122). O estudo da chamada "Queda do Homem" será um dos destaques no estudo das obras de Roustaing e Ubaldi.

Ensinam-nos ainda os Espíritos, neste ponto, que o Espírito não degenera: pode permanecer estacionário, mas não retrograda no estágio de evolução alcançado (Q. 118).

A maioria fica no meio do caminho, vacilando entre o bem e o mal (Q. 124). Para os rebeldes e estacionários, "as eternidades serão mais longas" (Q.125), ou seja, vão levar mais tempo no seu processo evolutivo, mas chegando ao final deste, no estado de pureza, todos serão iguais perante Deus, porque a terão conquistado a partir de seu próprio esforço e mérito, qualquer que tenha sido o tempo consumido ao longo do caminho... (Q. 126)

1. Dos Espíritos

131. Há demônios, no sentido que se dá a esta palavra?

"Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. Mas, porventura, Deus seria justo e bom se houvesse criado seres destinados eternamente ao mal e a permanecerem eternamente desgraçados?"

Se há demônios, eles se encontram no mundo inferior em que habitais e em outros semelhantes. São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo e que julgam agradá-lo por meio das abominações que praticam em seu nome."



Os chamados "anjos e serafins" não são seres privilegiados por Deus nem de natureza diversa da nossa (Q. 128), são apenas Espíritos mais evoluídos, porque já percorreram todos os graus da escala evolutiva (Q. 129). Imaginou-se que tenham sido sempre perfeitos porque já tinham alcançado esta condição quando do surgimento de nosso globo, acreditando assim os homens primitivos que eram assim desde todos os tempos (Q. 130).

Também não há seres criados especialmente para o mal, ou "demônios" (Q. 131), são apenas Espíritos mais atrasados que nós, mas que também um dia alcançarão a perfeição (Q.116), percorrendo os diversos graus da Escala

Espírita que agora conhecemos... (Q. 110-113)

As palavras "diabo" e "satanás" são respectivamente de origem grega e hebraica, e ambas significam "adversário", ou seja, aquele que coloca a sua vontade contra as Leis da vida... É nesse sentido, menor e menos mítico, que podemos entender os chamados demônios ou espíritos mais atrasados que, por ignorância, optam pelo Egoísmo e lutam contra a Lei do Amor... Todos nós já passamos por estas fases, e ainda estamos em pleno aprendizado das lições mais importantes...

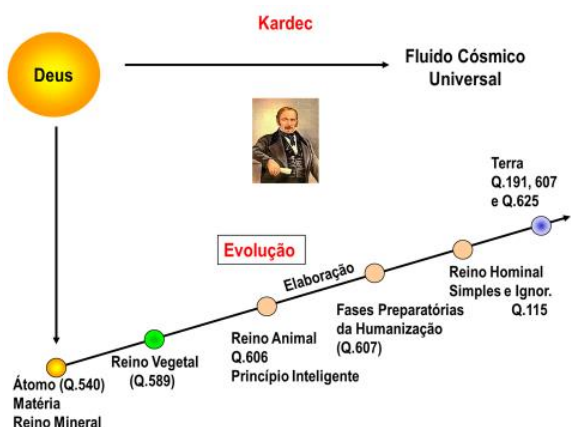


2. Da Encarnação dos Espíritos

Objetivo da Encarnação
Segundo "O Livro dos Espíritos" Deus impõe aos Espíritos a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. "Para uns, é expiação; para outros, missão" (Q.130), e esta experiência seria universal a todos, até para os que "desde o início, seguiram o caminho do bem" (Q.133)

seguintes termos:

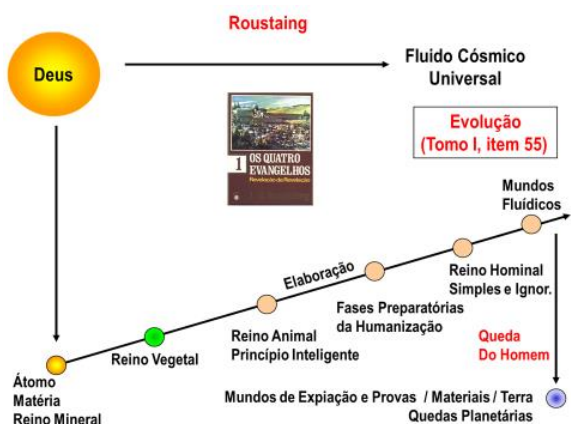
"Já se vos há falado de mundos onde a alma recém-nascida é colocada, quando ainda ignorante do bem e do mal, mas com a possibilidade de caminhar para Deus, senhora de si mesma, na posse do livre-arbítrio. Já também se vos revelou de que amplas faculdades é dotada a alma para praticar o bem. Mas, ah! há as que sucumbem, e Deus, que não as quer aniquiladas, lhes permite irem para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada". (ESE, Cap. III, item "Mundos Regeneradores")



Para Kardec a encarnação em mundos materiais como o nosso é necessária e natural a todos os Espíritos, depois que atingem a condição hominal... Veja-se, a respeito, a questão 196, do item "Transmigrações Progressivas":

196. *Não podendo os Espíritos aperfeiçoarem-se, a não ser por meio das tribulações da existência corpórea, segue-se que a vida material seja uma espécie de crisol ou de depurador, por onde têm que passar todos os seres do mundo espírita para alcançarem a perfeição?*

"Sim, é exatamente isso. Eles se melhoram nessas provas, evitando o mal e praticando o bem; porém, somente ao cabo de mais ou menos longo tempo, conforme os esforços que empreguem; somente após muitas encarnações ou depurações sucessivas, atingem a finalidade para que tendem."



Em Roustaing os Espíritos esclarecem que essa "necessidade" vale apenas para aqueles que usaram mal o seu livre-arbítrio depois de atingir a condição hominal, e que os que seguiram o caminho do bem podem evoluir em mundos fluidicos, sem necessidade da encarnação em mundos materiais como o nosso...

Interessante observar também que, os que seguem o caminho do bem, chegam mais depressa ao fim pois sendo as aflições da vida, muitas vezes, a consequência da imperfeição do Espírito, quanto menos imperfeições, menos tormentos: aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não sofrerá as torturas que se originam desses defeitos (Q. 133-a).



Alma é Espírito encarnado (Q. 134). Além da alma e do corpo, há no homem o corpo espiritual, o perispírito, e o laço fluídico que une os dois corpos (Q. 135).

Segundo os espíritos, ainda na questão 135, o perispírito é “Semimaterial, isto é, de natureza intermédia entre o Espírito e o corpo. É preciso que seja assim para que os dois se possam comunicar um com o outro. Por meio desse laço é que o Espírito atua sobre a matéria e reciprocamente.”

Hoje já se sabe que ele é que funciona de molde para a formação do corpo físico, quando da encarnação, daí a semelhança dos dois...

Pena que os representantes da nossa ciência ainda se mantenham refratários ao estudo destes temas (Q. 147 e 148).

Há, no entanto, uma vanguarda da chamada “Nova Ciência” que luta por demonstrar que a consciência sobrevive ao corpo físico, primeiro passo para entendimento e comprovação da sobrevivência do Espírito. Os estudos do pesquisador britânico San Párnia, acerca das experiências de quase morte, talvez seja o melhor exemplo, neste sentido.

Como dizia Louis Pasteur, “*Pouca ciência afasta de Deus. Muita, a ele reconduz*”.

“Se, conforme pretendem os materialistas, o pensamento fosse segregado pelo cérebro, como a bÍlis o é pelo fÍgado, seguir-se-ia que, morto o corpo, a inteligência do homem e todas as suas qualidades morais recairiam no nada; que os nossos parentes, os amigos e todos quantos houvessem tido a nossa afeição estariam irremissivelmente perdidos; que o homem de gênio careceria de mérito, pois que somente ao acaso da sua organização seria devedor das faculdades transcendentais que revela; que entre o imbecil e o sábio apenas haveria a diferença de mais ou menos substância cerebral.

As consequências dessa doutrina seriam que, nada podendo esperar para depois desta vida, nenhum interesse teria o homem em fazer o bem; que muito natural seria procurasse ele a maior soma possível de gozos, mesmo à custa dos outros; que o sentimento mais racional seria o egoísmo; [...]

A doutrina materialista é, pois, a sanção do egoísmo, origem de todos os vícios; a negação da caridade — origem de todas as virtudes e base da ordem social — [...]” (Obras Póstumas)



Depois da morte, a alma volta ao mundo dos Espíritos, de onde se separara apenas momentaneamente, durante a sua encarnação (Q. 149). Em seu retorno à pátria espiritual, ela conserva a sua individualidade (opiniões, gostos, lembranças) e mesmo a aparência que tinha quando encarnada (Q. 150 e 150-a), conforme comprovamos todos os dias nas mensagens espirituais recebidas em todo o mundo, nos mais variados lugares (Q. 152).

Morrer não dói... (Q. 154), isto está comprovado, hoje mais do que no tempo de Kardec, pelas chamadas experiências de quase morte. O corpo sofre mais durante a vida do que exatamente no momento da morte. Essa separação

de alma e corpo quase sempre é gradual, o Espírito desprende-se pouco a pouco, daí as muitas visões espíritas no leito da morte (Q. 157), quando as pessoas dizem estar revendo parentes já falecidos.

Após a sua libertação do corpo a alma passa quase sempre por um estágio de perturbação ou adaptação (Q. 163), que pode levar mais ou menos tempo, conforme o nível de evolução alcançado (Q. 164). A prática do bem e a consciência pura são o que maior influência exercem na menor duração desta etapa (Q. 165).

4. Da pluralidade das existências



A reencarnação / Justiça da Reencarnação
A alma passa por muitas encarnações corporais, até atingir a perfeição e a sua plena purificação.

Kardec a princípio não acreditava na reencarnação (Q. 222), mas foi convencido pela força da argumentação dos Espíritos e pelos fatos...

A alma que não alcançou a perfeição numa existência, terá outras tantas para atingir o ápice da escala espírita (Q. 166 e 166-a). O número de encarnações varia de pessoa a pessoa, desde que estejamos limpos de todas as impurezas não há mais necessidade de vida material (Q. 168 e 169). Ao final do chamado “ciclo das encarnações” o Espírito torna-se um bem-aventurado, um Espírito puro (Q. 170).

As sucessivas oportunidades dadas por Deus às suas criaturas, para o seu aperfeiçoamento, são uma das provas mais evidentes de sua justiça e bondade, conforme diz Kardec:

“Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.” (Q. 171)

No século XX, a ciência avançou imensamente em seus estudos sobre a reencarnação. O maior expoente desta linha de pesquisa foi o Dr. Ian Stevenson, da Universidade de Duke, na Virgínia, Estados Unidos, que reuniu mais de 2.400 casos comprovados de reencarnação através de depoimentos de crianças com lembranças de suas vidas passadas, verificando os dados apresentados pelas mesmas em minuciosos estudos de caso.



Encarnação em Diferentes Mundos – Descoberto um mundo “fluido”!
Em Agosto de 2007, um grupo de cientistas descobriu o maior planeta conhecido do Universo até hoje: 70% maior do que Júpiter! Segundo os cientistas, este planeta batizado TrES-4, é uma bola gigantesca constituída principalmente por hidrogênio, 20 vezes maior que a Terra, e com uma temperatura de 1260° graus. Circula à volta de uma estrela na constelação de Hércules, a 1400 anos-luz. O planeta, de baixa densidade, foi descoberto pelo Lowell Observatory em conjunto com o California Institute of Technology's Palomar Observatory e telescópios colocados nas ilhas Canárias.

As nossas existências corporais podem ocorrer em diferentes mundos (Q. 172), mas também podemos reaparecer muitas vezes em um mesmo globo, se não tivermos ainda alcançado o nível desejado de evolução para seguir para outro superior (Q. 173).

A migração de um mundo ao outro pode nos levar a mundos mais elevados ou iguais ao nosso, ou talvez até para um mais atrasado, conforme a nossa situação espiritual (Q. 174).

Os mundos são solidários, o que não se faz em um, se faz em outro (Q. 176).

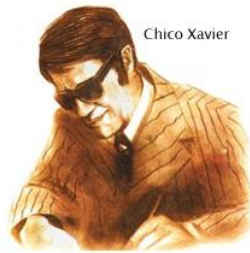
Os corpos dos habitantes de cada mundo são mais ou menos materiais, conforme o nível de evolução alcançado por seus habitantes

(Q. 181).

Ensinam-nos os Espíritos (Nota da questão 182) que “à medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste se aproxima igualmente da natureza espírita. Torna-se-lhe menos densa a matéria, deixa de rastejar penosamente pelo solo, menos grosseiras se lhe fazem as necessidades físicas, não mais sendo preciso que os seres vivos se destruam mutuamente para se nutrirem. O Espírito se acha mais livre e tem, das coisas longínquas, percepções que desconhecemos. Vê com os olhos do corpo o que só pelo pensamento entrevemos. [...] A duração da vida, nos diferentes mundos, parece guardar proporção com o grau de superioridade física e moral de cada um, o que é perfeitamente racional. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam. Quanto mais puro o Espírito, menos paixões a miná-lo. É essa ainda uma graça da Providência, que desse modo abrevia os sofrimentos.”

Tanto quanto os Espíritos, os mundos também estão sujeitos à lei do progresso (Q. 185).

4. Da pluralidade das existências



Sorte das crianças depois da morte
Nossos filhos são também Espíritos...

Kardec aproveita o tema da pluralidade das existências para tratar de alguns temas diretamente ligados ao nosso dia a dia, alguns de vivo interesse a todos, como o primeiro deles, que é a sorte das crianças depois da morte.

Os Espíritos nos esclarecem, na questão 199, que “a curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que devera terminar, e sua morte, também não raro, constitui *provação ou expiação para os pais*.”

Outro esclarecimento importante sobre o tema é que nossos filhos são Espíritos, encarnados ou desencarnados, que podem ter diferentes níveis de evolução, conforme todos os demais...

O Espírito de uma criança de tenra idade que falece pode até eventualmente ser mais adiantado do que o de seus pais, e isto frequentemente acontece (Q. 197 e 197-a), mas a desencarnação, em si, não as torna “anjos” ou mesmo “Espíritos Puros”, a maioria simplesmente retoma a sua trajetória espiritual e recomeça o esforço evolutivo em outra existência... (Q. 198 e 199-a)

4. Da pluralidade das existências



Sexo nos Espíritos
“São os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres.”

Outra questão que sempre despertou muito interesse e é igualmente tratada por Kardec nesse bloco é a do sexo dos espíritos.

Espírito não tem gênero, “são os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres.” (Q. 201) “Ao Espírito pouco importa” encarnar na forma masculina ou feminina. “O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar.” (Q. 202)

4. Da pluralidade das existências



Parentesco, filiação e parencas físicas e morais / Idéias inatas
O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito.

Ainda na mesma sequência, temos a questões do parentesco à luz da reencarnação e da semelhança entre pais e filhos, tanto física quanto comportamental.

“Uma vez que temos tido muitas existências, a nossa parentela vai além da que a existência atual nos criou?” – pergunta Kardec, na questão 204. “Não pode ser de outra maneira” – respondem os Espíritos. Nossa “família” é, de fato, muito maior do que o nosso círculo consanguíneo atual, da presente encarnação. E acrescentam: “Essa doutrina amplia os deveres da fraternidade, porquanto, no vosso vizinho, ou no vosso servo, pode achar-se um Espírito a quem tendes estado presos pelos laços da

consanguinidade.” (Q. 205)

Quanto à relativa semelhança entre pais e filhos, esclarecem o seguinte: o corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Os pais dão aos filhos apenas a vida animal. *Um pai obtuso pode ter filhos inteligentes* e vice-versa. As ideias inatas que trazemos muitas vezes desde mais tenra infância e os casos de crianças prodígio são exemplos da bagagem que trazemos de outras vidas (Q. 218 e 219). As semelhanças morais existentes entre pais e filhos devem-se ao fato de que quase sempre são Espíritos simpáticos, que reciprocamente se atraíram pela analogia dos pendores (Q. 203 e 207). Claro que pode haver exceções... Espíritos atrasados também podem pedir bons pais para acelerar seu progresso (Q. 209).

Essa independência e individualidade mantém-se mesmo nos casos de gêmeos e até mesmo de xipófagos (Q. 211 e 213), tanto assim que mesmo entre irmãos univitelinos há casos de forte animosidade... (Q. 213 e 214)

Os Espíritos aproveitam o tema para dar um recado importante sobre a responsabilidade dos pais: os Espíritos dos pais têm por missão desenvolver os de seus filhos pela educação. Constitui-lhes isso uma tarefa. *“Tornar-se-ão culpados, se vierem a falir no seu desempenho.”* (Q. 208)



Quando não estão encarnados os Espíritos se encontram numa condição denominada por eles mesmos de “errante” – “aquele que aspira a novo destino, que espera.” (Q. 224 e 226)

Esse intervalo entre uma existência ou outra pode ser muito curto, mas em geral a alma só encarna depois de intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores os intervalos são menores, porque a condição de encarnado limita menos o espírito, pelo fato dos corpos serem menos densos (Q. 223).

O Espírito também progride no estado de erraticidade (Q. 230), procurando instruir-se. “Estudam e procuram meios de elevar-se.

Vêm, observam o que ocorre nos lugares aonde vão; ouvem os discursos dos homens doutos e os conselhos dos Espíritos mais elevados e tudo isso lhes incute ideias que antes não tinham.” (Q. 227) São mais ou menos felizes conforme seus méritos (Q. 231).

Há mundos em formação que muitas vezes servem de “base” ou “estações de repouso” para os Espíritos errantes (Q. 234). São os chamados “mundos transitórios”. A Terra já esteve nesta condição (Q. 236).



Uma vez de volta ao mundo dos Espíritos, conserva a alma as percepções que tinha na Terra, “além de outras de que aí não dispunha, porque o corpo, qual véu sobre elas lançado, as obscurecia.” (Q. 237)

Essas percepções e os conhecimentos, no plano espiritual, são determinados pelo nível evolutivo alcançado pelo Espírito. “Quanto mais se aproximam da perfeição, tanto mais sabem.” (Q. 238)

A sensação de tempo é diferente no mundo espiritual. Daí vem que nem sempre entendemos as mensagens dos Espíritos, quando se trata de determinar datas ou épocas (Q. 240). O estado de lucidez em que vivem lhes permite

melhor compreensão do presente (Q. 241) e mais viva lembrança do passado (Q. 242) e, dependendo do seu nível evolutivo, às vezes até a antevisão do futuro: “À medida que se aproxima de Deus, tanto mais claramente o Espírito descortina o futuro.” (Q. 243)

O mesmo vale para as distâncias e noção de espaço. O Espírito se transporta aonde queira, com a rapidez do pensamento (Q. 247).

Os Espíritos não têm os sentidos concentrados em alguns órgãos, como ocorre conosco, como encarnados. A visão e a audição estão por assim dizer espalhados por todo o corpo espiritual, e são muito mais nítidos e sensíveis do que na Terra (Q. 245, 246, 248 e 249).

Só os Espíritos puros veem a Deus (Q. 244). Deus se serve deles também como intermediários de suas ordens para os demais Espíritos (Q. 244-b).

Os Espíritos apreciam também a música e as magnificências da natureza, mas num estágio muito superior ao nosso, de difícil descrição para os nossos parâmetros terrenos... (Q. 251 e 252)

As sensações de calor e frio, fome e fadiga só atingem os mais atrasados, como reminiscências da experiência material. Seu cansaço é mais mental, e as aflições morais são as que mais lhes atingem... (Q. 253-256)

De modo geral, os Espíritos elevados podem subtrair-se às percepções, mas os imperfeitos muitas vezes ouvem e vêem, a seu mau grado, o que lhes possa ser útil ao aperfeiçoamento (Q. 250).



Escolha das Provas
"Antes de encarnar, o próprio Espírito escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio."

fraquezas (Q. 260). Outros o fazem por acomodação (Q. 265). Em toda parte, há sempre os que escolhem as provas menos dolorosas, mas estes também despertarão, um dia, de seu comodismo (Q. 266 e 267). Se errar em suas escolhas, o Espírito terá a oportunidade de, no futuro, recuperar o tempo perdido (Q. 269).

Estes esclarecimentos remetem à nossa responsabilidade quanto à construção de nossos próprios destinos, como na mensagem do espírito Scheilla (médium Chico Xavier):

"Não se diga sem orientação na tarefa do bem.

Movimentando providências inúmeras, as leis da vida situam-nos, a todos, cada instante, em linha certa para a construção do Reino de Deus.

É assim que você está colocado com exatidão... no dia certo, no caminho certo, no lugar certo, na profissão certa, no trabalho certo, na experiência certa, na posição certa, na circunstância certa, com a pessoa certa, com os recursos certos.

No que respeita à direção da Sabedoria Divina, tudo está certo para que venhamos a realizar o melhor, amando e perdoadando, aprendendo e servindo. A ação, porém, é nossa. Desse modo, sentir errado, pensar errado, decidir errado ou fazer errado é problema que corre por nossa conta".



As relações de além-túmulo
Os Espíritos têm uns sobre os outros a autoridade correspondente ao grau de superioridade que hajam alcançado, autoridade que eles exercem por um ascendente moral irresistível.

Os Espíritos têm uns sobre os outros a autoridade correspondente ao grau de superioridade que hajam alcançado, autoridade que eles exercem por um ascendente moral irresistível (Q. 274 e 274-a).

Essa superioridade moral não tem qualquer relação com a posição social ocupada na existência terrena, mas sim com o verdadeiro mérito conquistado (Q. 275 a 277).

Assim como na sociedade terrena, os Espíritos têm também o seu convívio, sua vida em sociedade, e os grupos se formam por sintonia e afinidade: *Constituem um mundo do qual o vosso é pálido reflexo.* Os da mesma categoria formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia

e pelos fins a que visam: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre os que se lhes assemelham (Q. 278).

Os bons têm acesso a toda parte, os inferiores têm áreas que lhes são restritas (Q. 279). Os superiores têm por missão combater as más inclinações dos inferiores (Q. 280).

Os Espíritos se comunicam principalmente pelo pensamento, que se transmite pelo fluido universal (Q. 282). Todos os pensamentos lhes são patentes, principalmente aos Espíritos superiores. Certos Espíritos podem muito bem tornar-se invisíveis a outros Espíritos, se julgarem útil fazê-lo (Q. 283).

Na volta à pátria espiritual, os justos sentem-se recompensados e acolhidos, os maus desventurados (Q. 287 e 288). Todos, mais cedo ou mais tarde, encontram os que lhes são afins, seja a própria parentela ou com aqueles a que se vincularam pelos laços de afinidade... (Q. 289 a 291)

Os Espíritos inferiores comprazem-se em induzir ao mal pelo despeito de não merecerem estar entre os bons (Q. 281).

6. Da vida espírita



Relações de Simpatia e Antipatia entre os Espíritos / Metades Eternas
Assim como na Terra, os Espíritos têm também no plano espiritual os seus afetos.

Assim como na Terra, os Espíritos têm também no plano espiritual os seus afetos (Q. 291), ainda mais vivos pelo desembaraço da carne. Os desafetos são típicos dos mais atrasados (Q. 292), mas mesmo estes tendem a arrefecer, pelo maior nível de compreensão alcançado (Q. 293).

As lembranças dos erros também lá prejudicam as relações (Q. 294). As vítimas de nossos erros podem perdoar-nos ou perseguir-nos em busca de revanche, conforme sua índole (Q. 295).

As afeições entre os Espíritos são mais sólidas e duráveis do que na Terra, porque não se acham subordinadas aos caprichos dos interesses materiais e do amor-próprio, mas não há

entre almas uma predestinação qualquer, do tipo “metades eternas” (Q.298-303).

6. Da vida espírita



Recordação da existência corpórea
Quando desencarnado, o Espírito tem a memória de toda sua vida corpórea, mesmo os menores detalhes, se o desejar...

Quando desencarnado, o Espírito tem a memória de toda a sua vida corpórea (Q. 304), mesmo os menores detalhes, se o desejar (Q. 306, 306-a e 307), mas essa lembrança lhe aparece gradualmente, “qual imagem que surge de uma névoa, à medida que nela fixa ele a sua atenção” (Q. 305). O mesmo se dá em relação à lembrança das vidas anteriores (Q. 308).

Com a mudança de perspectiva, as coisas e assuntos materiais perdem relevância... O corpo que deixou para trás toma agora a forma de simples veste imprecisa (Q.309), sentindo-se feliz de ter-se livrado dele. Os detalhes do processo de decomposição lhe são indiferentes (Q. 309-a), desprendendo-se também

progressivamente dos objetos que lhe foram caros na última existência (Q. 310 e 311). Mais vivas lhe são as lembranças dos sofrimentos que enfrentou, que toma como lições (Q. 312), e dos trabalhos que realizou, mas estes lhe parecem igualmente menores e menos relevantes, vistos agora do plano espiritual (Q. 314 e 315).

6. Da vida espírita



Comemoração dos Mortos / Funerais

O que vale para o Espírito desencarnado é a lembrança dos que lhes são caros (Q. 320), a sensação reconfortante de sentir-se querido pode se dar a qualquer instante, independente do dia, hora e lugar em que ocorra (Ex.: cemitério).

Nesse sentido, o chamado “Dia dos Mortos” é igual, para eles, a outro dia qualquer (Q. 321 e 323).

A importância dada às homenagens humanas depende do nível de evolução alcançado (Q. 324 e 326), assim como a preferência a certos lugares em detrimento de outros para o enterro de seus despojos (Q. 325).

Na maior parte das vezes o Espírito tem dificuldade em assistir ao próprio enterro, por estar

neste momento quase sempre sofrendo o torpor da transição para o mundo espiritual (Q. 326), mas muitas vezes comparece às reuniões de seus herdeiros, para que tenha a oportunidade de conhecer, de forma transparente, os reais sentimentos da parentela que ficou para trás. Deus permite que assim seja para seu ensinamento e castigo dos culpados... (Q. 328)

O instintivo respeito, em todos os tempos, dedicado aos mortos, é consequência natural da intuição que todos temos da vida futura (Q. 329).

7. Da volta do Espírito à vida corporal



Prelúdio da volta

No momento de encarnar, o Espírito sofre perturbação muito maior e sobretudo mais longa à que experimenta ao desencarnar.

No momento de encarnar, o Espírito sofre perturbação muito maior e sobretudo mais longa à que experimenta ao desencarnar. “Pela morte, o Espírito sai da escravidão; pelo nascimento, entra para ela.” (Q. 339)

O instante da encarnação é para todos solene. Procedem como o viajante que embarca para uma travessia perigosa e que não sabe se encontrará ou não a morte nas ondas que se decide a afrontar. À aproximação do momento de reencarnar, sente-se uma espécie de agonia (Q. 340), de ansiedade bem grande, “pois que as provas da sua existência o retardarão ou farão avançar, conforme as suporte.” (Q. 341) Nesse instante, é comum cercarem-se de amigos, que vão

apoiá-lo no momento decisivo... (Q. 342)

Ainda no plano espiritual, muitos pressentem que se aproxima o momento da reencarnação, assim como fazemos com a morte no plano físico, sem poder precisar ao certo quando virá... (Q. 330) O Espírito pode acelerar ou retardar este processo (Q. 332 e 333), mas a reencarnação é para ele uma necessidade (Q. 330-a), como um remédio, e cedo ou tarde todos sentem necessidade de progredir...

O Espírito é sempre designado de antemão para o corpo que ocupará (Q. 334) e, assim como participa da escolha das provas, pode também participar do detalhamento do corpo de que se servirá na próxima rotação terrena (Q. 335).

A predestinação a determinado corpo também pode ser obrigatória, conforme o estágio moral do reencarnante (Q. 337) e se o corpo, no caso, lhe for instrumento de castigo...



União da alma e do corpo

A união da alma com o corpo começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. O laço fluídico que os une se aperta pouco a pouco, até ao instante em que a criança vê a luz.

A união da alma com o corpo começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. O laço fluídico que os une se aperta pouco a pouco, até ao instante em que a criança vê a luz (Q. 344).

A partir do instante da concepção, começa o Espírito a ser tomado de perturbação, que o adverte de que lhe soou o momento de começar nova existência corpórea. Essa perturbação cresce de contínuo até o nascimento. Nesse intervalo, seu estado é quase idêntico ao de um Espírito encarnado durante o sono. À medida que a hora do nascimento se aproxima, suas ideias se apagam, assim como a lembrança do passado, do qual deixa de ter consciência na condição de

homem, logo que entra na vida. Essa lembrança, porém, lhe volta pouco a pouco ao retornar ao estado de Espírito (Q. 351).

Pode acontecer de o Espírito provocar o rompimento deste laço, se por exemplo recua diante das provas que terá na encarnação que se aproxima. Nestes casos, a criança não vingará (Q. 345). Outra possibilidade é a do corpo não estar preparado para receber o Espírito, que se vê na necessidade de escolher outro corpo para a encarnação desejada (Q. 346).

As mortes prematuras têm suas causas, as mais das vezes, nas imperfeições da própria matéria, e servem amiúde para prova dos pais (Q. 346-a e 347).

A provocação do aborto, em qualquer período da gestação, representa um crime contra a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando (Q. 358).



As qualidades morais, boas ou más, do homem tem origem no Espírito nele encarnado. Quanto mais puro é esse Espírito, tanto mais propenso ao bem é o homem (Q. 361). O mesmo se dá em relação às qualidades intelectuais (Q. 364), que refletem quase sempre o nível de evolução alcançado. Um possível desnível entre estes dois aspectos da personalidade é sempre sintoma de um progresso incompleto (Q. 365).

O exercício das faculdades depende dos órgãos que lhes servem de instrumento (Q.368). “Os órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da alma, manifestação que se acha subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição dos

órgãos, como a excelência de um trabalho o está à da ferramenta própria à sua execução.” (Q. 369)

É importante esclarecer, no entanto, que “não são os órgãos que dão as faculdades, e sim estas que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos” (Q. 370).

Um exemplo disto são os casos de idiotia e loucura.

“O corpo de um idiota pode conter um Espírito que tenha animado um homem de gênio em precedente existência.” (Q. 373-a) “Os que habitam corpos de idiotas são Espíritos sujeitos a uma punição. Sofrem por efeito do constrangimento que experimentam e da impossibilidade em que estão de se manifestarem mediante órgãos não desenvolvidos ou desmantelados.” (Q. 372)

Nestes casos, “o desorganizado é sempre o corpo e não o Espírito.” (Q. 375-a)



Uma situação parecida, embora diferente, é o da infância e das crianças em geral. O Espírito que anima um corpo infantil pode ser bem mais evoluído do que os dos adultos que lhe cercam, mas a imperfeição dos órgãos infantis o impede de se manifestar em sua plenitude (Q. 379). Precisar, assim, aguardar o natural desenvolvimento do corpo para expressar-se conforme o seu desejo.

Essa limitação temporária é consequência das características da matéria, mas tem também o seu fim providencial.

“Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes

de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.” (Q. 383)

“Os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para se melhorarem. A delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-los progredir. Nessa fase é que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores. Tal o dever que Deus impõe aos pais, missão sagrada de que terão de dar contas.” (Q. 385)



A simpatia ou antipatia terrenas podem ter causas diversas.

Podem resultar, como se crê amiúde, do encontro de duas almas que já se conheceram em existências anteriores, com uma memória inconsciente, positiva ou negativa, resultante deste contato, que as aproxima ou afasta, naturalmente (Q. 386).

Pode acontecer também de resultar de simples afinidade entre os dois Espíritos que se encontram, ou mesmo a falta dela, no caso negativo, sem que haja necessidade do histórico de um relacionamento anterior (Q. 387). Esses “encontros fortuitos” entre pessoas afins têm no

magnetismo a sua causa: “Entre os seres pensantes há ligação que ainda não conheceis. O magnetismo é o piloto desta ciência, que mais tarde compreendereis melhor.” (Q. 388)

É para proteger-nos do constrangimento das lembranças de nossos atos ou dos de terceiros que Deus fez com que, encarnados, esqueçamos o passado, as existências anteriores. “*Esquecido de seu passado ele é mais senhor de si.*” (Q. 392)

A lembrança provocaria sempre uma espécie de inércia, levando-nos à repetição de situações antigas. Encontrando no filho o desafeto do passado, seria difícil amá-lo. O fracasso em determinada prova poderia arrefecer o ânimo de tentá-la de novo...

O esquecimento nos possibilita enfrentar muitas vezes as mesmas provas ou pessoas sem predisposições tais que interfiram em nossas escolhas, favorecendo-nos a renovação e o recomeço... (Q.394)

Deus é Pai, e nos dá renovadas oportunidades de alcançar, degrau a degrau, a tão sonhada felicidade...



Depois de “passar em revista” algumas das principais etapas da trajetória espiritual – o processo de desencarnação, a vida no plano espiritual e as condições de retorno à vida física, quando da reencarnação – Kardec vai explorar também alguns dos fenômenos onde, ainda na Terra, o nosso Espírito se revela através do corpo ou capa material, ensaiando-se assim o que mais tarde viria a ser “O Livro dos Médiuns”, quando sistematizou, em definitivo, o estudo dos fenômenos espirituais. Vamos aqui passar por eles mais rapidamente, sem nos prender muito ao detalhe de cada um, que demandaria um estudo mais aprofundado.

O primeiro fenômeno a ser abordado

é o da visita espírita entre pessoas vivas ou encarnadas:

Desprendidos do corpo físico nos momentos de sono e de transe mediúnico, recuperamos parcialmente a liberdade do Espírito e, neste estado, podemos visitar a amigos, ou no plano espiritual ou mesmo na terra, conforme as afinidades que possuímos (Q. 414-416). Esses encontros podem igualmente ser coletivos, na forma de assembleias, conforme os laços de amizade ou os interesses envolvidos (Q. 417).

“O próprio sono é fenômeno fundamental para o equilíbrio orgânico e psíquico do espírito encarnado; algumas experiências significativas que podem ocorrer durante o mesmo:

- No livro *Missionários da Luz*, no capítulo intitulado *No plano dos sonhos*, André Luiz nos fala dos esclarecimentos prestados a Espíritos encarnados durante o período do sono físico natural;

- Em outra obra, *Nos Domínios da Mediunidade*, o mesmo autor relata um episódio de sono provocado pelos Espíritos benfeitores, com o objetivo de atendimento individualizado à *Anésia*, com relação seu marido *Josino* que a traía;

- Emmanuel, no livro *Há Dois Mil Anos*, refere-se ao sonho de Públio Lentulus, relatado a seu amigo Flamínio, em que se recorda de sua participação em conspiração tenebrosa contra o Senado, à época de Lúcio Sergius Catilina.”

(Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – Tomo Complementar, FEB)

“*Eleve, pois, aquele que se ache compenetrado desta verdade, o seu pensamento a Deus, quando sinta aproximar-se o sono, e peça o conselho dos bons Espíritos e de todos cuja memória lhe seja cara, a fim de que venham juntar-se-lhe, nos curtos instantes de liberdade que lhe são concedidos, e, ao despertar, sentir-se-á mais forte contra o mal, mais corajoso diante da adversidade.*”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Kardec)

8. Da Emancipação da Alma



É essa comunhão de ideias, no plano espiritual, que possibilita muitos dos encarnados terem às vezes projetos e descobertas parecidas no campo das artes e da ciência (419).

A conexão mental de dois encarnados pode se dar também quando acordados ou “em estado de vigília”. Neste caso, o que se dá é o fenômeno de telepatia, tão mais fácil de ocorrer quanto o maior nível de afinidade de gostos e interesses dos envolvidos (Q. 420 e 421).

8. Da Emancipação da Alma

Letargia, Catalepsia,
Mortes aparentes



Uma outra natureza de fenômenos é a dos chamados estados de “morte aparente”, tecnicamente denominados de “Letargia” e “Catalepsia”. Os casos bíblicos de morte aparente e “ressurreição” – filho da viúva de Naim, da filha de Jairo e de Lázaro – são desta categoria.

Letargia é a perda temporária e completa da sensibilidade e do movimento por causa fisiológica, ainda não identificada, levando o indivíduo a um estado mórbido em que as funções vitais estão atenuadas de tal forma que parece estarem suspensas, dando ao corpo a aparência de morte.

Em um surto de catalepsia, a pessoa não consegue se movimentar, embora haja a

continuidade do funcionamento dos sentidos e das funções vitais de forma quase imperceptíveis, a pessoa fica parecendo uma estátua de cera. Se o doente estiver sentado e alguém posicionar o braço deste para cima, este braço continuará levantado enquanto durar o surto. O ataque cataléptico pode durar de minutos a alguns dias, e o que mais aflige quem sofre deste distúrbio é ouvir e ver tudo ao seu redor sem poder reagir fisicamente.

A grande médium Yvonne Pereira tinha esta faculdade (letargia) que lhe ocorreu pela primeira vez aos 29 dias de vida. Após uma crise de tosse, ficou como morta, por seis horas. O médico deu o atestado de óbito; a família providenciou o velório. Sua mãe, porém, não acreditava em sua morte e, quase à hora do enterro, ajoelhou-se e orou com fervor à Nossa Senhora (sua mãe era católica devota). Em sua prece, rogava que, se sua filha estivesse morta, aceitaria, porém, se estivesse viva, que voltasse. Ouviu-se a seguir um choro estridente. Novamente aos oito anos ocorreu o fenômeno de desdobramento com morte aparente, presenciado apenas por sua “babá”. E foi com esta idade que ela leu pela primeira vez ‘O Livro dos Espíritos’. A partir de então, sempre o fenômeno acontecia em horários noturnos, de modo que não incomodava as pessoas. (Vide à respeito a obra “Recordações da Mediunidade”)

“O magnetismo, em tais casos, constitui, muitas vezes, poderoso meio de ação, porque restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta para manter o funcionamento dos órgãos” (Q. 424). Foi este o recurso de que Jesus se serviu para as curas relatadas no Novo Testamento...

8. Da Emancipação da Alma



Sonambulismo

O Sonambulismo “é um estado de independência do Espírito, mais completo do que no sonho, estado em que maior amplitude adquirem suas faculdades. A alma tem então percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.”

transtornos do sono do Einstein. Quem sofre desse distúrbio exerce atividades como falar e caminhar durante o sono e no dia seguinte não se recorda do episódio. É mais comum em crianças, mas também ocorre em adultos.

Para nós, Espíritas, a palavra “sonambulismo” tem outro significado...

O Sonambulismo “é um estado de independência do Espírito, mais completo do que no sonho”, estado em que maior amplitude adquirem suas faculdades. A alma tem então percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito (Q. 425). Pode ser natural ou magneticamente provocado (Q. 426), e neste estado o Espírito recupera parte de sua lucidez natural, recuperando a capacidade de visão a distância (Q. 428-430 e 432-435) e demonstrando conhecimentos que vão além dos de sua condição de encarnado (Q. 431).

Na obra “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing (Tomo I, item 31), os Espíritos sugerem o uso de sonâmbulos em pesquisas científicas, conforme o grau de especialização e domínio desta ou daquela especialidade de conhecimento.

“A literatura espírita é plena de fatos de *sonambulismo*. Como exemplificação, eis o relato de um deles, nas próprias palavras de Allan Kardec, conforme consta na *Revista Espírita: Residindo em Bercy, na Rua Charenton, 43, o Sr. Marillon havia desaparecido desde o dia 13 de janeiro último. Todas as pesquisas para descobrir o seu paradeiro foram infrutíferas; nenhuma das pessoas na casa das quais estava habituado a ir o tinham visto; nenhum negócio podia motivar sua ausência prolongada. Por outro lado, seu caráter, sua posição e seu estado mental afastavam qualquer idéia de suicídio. Restava a possibilidade de que tivesse sido vítima de um crime ou de um acidente; nesta última hipótese, porém, teria sido facilmente reconhecido e levado para sua casa, ou pelo menos, despachado para o necrotério. Todas as probabilidades apontavam, pois, para um crime, nele se firmando o pensamento, tanto mais quanto o Sr. Marillon havia saído para fazer um pagamento. Mas onde e como o crime havia sido cometido? Ninguém o sabia. Sua filha recorreu, então, a uma sonâmbula, a Sra. Roger que em muitas outras situações semelhantes dera provas de notável lucidez, que nós mesmos constatamos. A Sra. Roger seguiu o Sr. Marillon desde a saída da casa dele, às três horas da tarde, até cerca de sete horas da noite, quando ele se dispunha a voltar. Viu-o descer às margens do Sena para satisfazer a uma urgente necessidade, sendo aí acometido de um ataque de apoplexia. Ela descreveu tê-lo visto cair sobre uma pedra, abrir uma fenda na frente e depois rolar dentro d'água; não se tratou, pois, nem de suicídio, nem de crime; ainda havia dinheiro e uma chave dentro do bolso de seu paletó. A sonâmbula indicou o local do acidente, acrescentando que o corpo não mais se encontrava no local, em virtude de ter sido arrastado facilmente pela correnteza. Encontraram-no, com efeito, no local assinalado. Tinha a ferida indicada na frente, a chave e o dinheiro estavam no bolso e a posição de suas roupas indicava claramente que a sonâmbula não se havia enganado quanto ao motivo que o levara à beira do rio. Diante de tantos detalhes, perguntamos onde se poderia ver a transmissão de um pensamento qualquer.”*

(Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – Tomo Complementar, FEB)

O sonambulismo comum, da célebre imagem da pessoa que anda dormindo, é um transtorno do sono (noctambulismo) em que o cérebro desperta de forma desequilibrada. Segundo a equipe médica do Hospital Albert Einstein, “o processo do despertar depende de um mecanismo neurológico complexo que ocorre em vários níveis. O sonambulismo é um desajuste entre esses níveis de despertar, quando somente uma parte das funções cerebrais desperta, mas não se tem uma consciência semelhante a quando estamos acordados, com memórias e planejamento consciente”, explica Dr. Leonardo Lerardi, neurofisiologista clínico e médico especialista em

8. Da Emancipação da Alma



Êxtase
“O êxtase é um sonambulismo mais apurado. A alma do extático ainda é mais independente...”

“O êxtase é um sonambulismo mais apurado. A alma do extático ainda é mais independente (Q. 439), e chega a ter acesso aos mundos superiores: “Vê esses mundos e compreende a felicidade dos que os habitam, donde lhe nasce o desejo de lá permanecer” (Q. 440 e 441) o que, levado ao extremo, poderia levá-lo até a risco de vida (Q. 442). É comum o extático achar que o que vê é fruto de sua imaginação (Q.443) ou mesmo deixar influenciar-se por espíritos mistificadores (Q. 444).

No Brasil, temos um caso exemplar de mediunidade extática, felizmente de primorosos resultados: Frederico Pereira da Silva Junior, o grande médium do Grupo Ismael, coração

espiritual da FEB, apresentado pelo Dr. Bezerra de Menezes, na obra “Tragédias de Santa Maria”, da grande Yvone Pereira (págs.223/4 da 3ª.ed. FEB), nos seguintes termos: *“Existia na capital do País (Rio de Janeiro) um médium portador de peregrinas qualidades morais e vastos cabedais psíquicos, que dele faziam, sem contestação possível, um dos mais preciosos eminentes intérpretes da Revelação Espírita no mundo inteiro, em todos os tempos. [...] chamava-se Frederico Pereira da Silva Júnior [...] Tão nobre obreiro da Seara Cristã repartia-se em múltiplas modalidades de serviços mediúnicos, dedicado e fraterno até à admiração, porquanto seus dons psíquicos, variados e seguros, obtinham também, do Além-Túmulo, as mais lúcidas revelações, relatando para os interessados empolgantes realidades espirituais”.*

Algumas das visões e mensagens recebidas por Frederico estão na obra “Virtudes do Céu”, publicada e distribuída gratuitamente pela nossa CASA...

Como médium psicógrafo, ele recebeu obras como “Jesus Perante a Cristandade”, “De Jesus para as crianças” e “Do Calvário ao Apocalipse”, todas de Bittencourt Sampaio e de grande valor para a nossa Doutrina e todas publicadas pela FEB.

“À guisa de ilustração, extraímos da Revista Espírita, de Allan Kardec, o seguinte caso de êxtase, que, segundo a tradição, ocorreu com o famoso compositor italiano de música religiosa, Pergolesi, que viveu no século XVIII. O fato é relatado pelo Sr. Ernest Le Nordez:

Sabeis com que piedade aqui celebramos, ainda em nossos dias, a despeito da debilidade da fé, o tocante aniversário da morte do Cristo; a semana em que a Igreja o relembra a seus filhos é bem realmente, para nós, uma semana santa. Assim, reportando-vos à época de fé em que vivia Pergolesi, podeis pensar com que fervor o povo acorria em massa às igrejas, para meditar as cenas enternecedoras do drama sangrento do Calvário. Na sexta-feira santa Pergolesi acompanhou a multidão. Aproximando-se do templo, parecia-lhe que uma calma, há muito desconhecida para ele, se fazia em sua alma e, quando transpôs o portal, sentiu-se como que envolto por uma nuvem ao mesmo tempo espessa e luminosa. Logo nada mais viu; profundo silêncio se fez em seu redor; depois, ante os seus olhos admirados, e em meio à nuvem, na qual até então lhe parecia ter sido levado, viu desenharem-se os traços puros e divinos de uma virgem, inteiramente vestida de branco; ele a viu pousar seus dedos etéreos nas teclas de um órgão, e ouviu como um concerto longínquo de vozes melodiosas, que insensivelmente dele se aproximava. O canto que essas vozes repetiam o enchia de encantamento, mas não lhe era desconhecida; parecia-lhe que esse canto era aquele do qual não tinha podido perceber senão vagos ecos; essas vozes eram bem aquelas que, desde longos meses, lançavam perturbação em sua alma e agora lhe traziam uma felicidade sem limite. Sim, esse canto, essas vozes eram bem o sonho que ele tinha perseguido, o pensamento, a inspiração que inutilmente havia procurado por tanto tempo. Mas, enquanto sua alma, arrebatada no êxtase, bebia a longos sorvos as harmonias simples e celestes desse concerto angélico, sua mão, como que movida por força misteriosa, agitava-se no espaço e parecia traçar, mau grado seu, notas que traduziam os sons que o ouvido escutava. Pouco a pouco as vozes se afastaram, a visão desapareceu, a nuvem se desvaneceu e Pergolesi viu, ao abrir os olhos, escrito por sua mão, no mármore do templo, esse canto de sublime simplicidade, que o devia imortalizar, o Stab Mater, que desde esse dia todo o mundo cristão repete e admira. O artista ergueu-se, saiu do templo, calmo, feliz e não mais inquieto e agitado. Mas nesse dia uma nova aspiração se apoderou dessa alma de artista: ela ouvira o canto dos anjos, o concerto dos céus. As vozes humanas e os concertos terrestres já não lhe podiam bastar. Essa sede ardente, impulso de um grande gênio, acabou por esgotar o sopro de vida que lhe restava, e foi assim que aos trinta e três anos, na exaltação, na febre, ou melhor, no amor sobrenatural de sua arte, Pergolesi encontrou a morte.”

(Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – Tomo Complementar, FEB)

8. Da Emancipação da Alma



Dupla vista
A *dupla vista* ou *segunda vista* é a vista da alma." Aqui no Brasil ficou conhecida como "vidência".

hereditariamente (Q. 451).

Sua manifestação pode decorrer também de situações excepcionais: "A moléstia, a proximidade do perigo, uma grande comoção, podem desenvolvê-la." (Q. 452)

No Evangelho, o contato de Zacarias com o anjo, no Templo; a revelação de Gabriel a Maria, quanto ao nascimento especial do Messias; e o primeiro contato de Madalena com Jesus, depois de sua "ressurreição", são exemplos de fenômenos de vidência...

Assim como os fenômenos do Sonambulismo e o do Êxtase, o que se chama *dupla vista* é ainda resultado da libertação parcial do Espírito, sem que o corpo esteja adormecido (Q. 447).

A *dupla vista* ou *segunda vista* é a "vista da alma". Aqui no Brasil ficou conhecida como "vidência".

As mais das vezes aparece naturalmente nos indivíduos que as possuem (Q. 449), mas também está sujeita a desenvolvimento com exercícios (Q. 450).

Tem origem no próprio organismo (Q. 450-a), e a faculdade é transmitida também



Faculdade que tem os Espíritos de penetrar os nossos pensamentos / Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos
"Nem atos, nem pensamentos se lhes podem dissimular"

Deus assim o permite para pôr em prova a nossa fé e a nossa firmeza no bem (Q. 466).

É através de sua constância no bem e nos bons pensamentos que o encarnado se liberta da influência dos maus Espíritos (Q. 467 a 469).

"Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: "Senhor! não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal." (Q. 469)

Os Espíritos podem ver tudo o que fazemos, pois constantemente nos rodeiam. "Cada um, porém, só vê aquilo a que dá atenção. Não se ocupam com o que lhes é indiferente." (Q. 456) "Muitas vezes chegam a conhecer o que desejaríeis ocultar de vós mesmos. Nem atos, nem pensamentos se lhes podem dissimular." (Q. 457)

Influem, por isso, em nossos atos e pensamentos, muito mais do que imaginamos: "Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem." - dizem-nos (Q. 459).

Essa influência pode ser para o bem ou para o mal (Q. 464), exigindo-nos discernimento para escolher o caminho certo, em cada situação...



Possessos / Convulsionários
Os Espíritos nos explicam que não há "possessão" no sentido de "casa invadida" (salvo em raras exceções...), mas sim uma influência muito forte, inclusive física, determinada a partir da sintonia do obsedado com os Espíritos que o afligem...

Os chamados casos de "possessão" são exemplos limite de até onde pode chegar a influência dos Espíritos sobre o nosso comportamento.

Os Espíritos nos explicam, no entanto, que não há "possessão" no sentido de "casa invadida" (salvo em raras exceções...), mas sim uma influência muito forte, inclusive física, determinada a partir da sintonia do obsedado com os Espíritos que o afligem... (Q. 473 e 474)

Por outro lado, "sempre é possível, a quem quer que seja, subtrair-se a um jugo, desde que com vontade firme o queira." (Q. 475) A "receita" para essa libertação, no entanto, não tem nada a ver com as velhas fórmulas de exorcismo (Q. 477), mas sim

com a prece e com o exercício da própria vontade em direção ao bem: "A prece é em tudo um poderoso auxílio. Mas, crede que não basta que alguém murmure algumas palavras, para que obtenha o que deseja.

Deus assiste os que obram, não os que se limitam a pedir. É, pois, indispensável que o obsidiado faça, por sua parte, o que se torne necessário para destruir em si mesmo a causa da atração dos maus Espíritos.” (Q. 479)

Um caso particular, dentre estes tipos de fenômenos é o dos “convulsionários”, que são quase sempre mais uma demonstração de exaltação e extremismo coletivos do que propriamente de possessão. Inspirados por Espíritos atrasados (Q. 481 e 481-a), eles se irradiam por uma espécie de simpatia e contágio “magnético”, espalhando-se numa população de interesses afins (Q. 482), levando mesmo a manifestações de insensibilidade física, sonambulismo provocado, leitura de pensamento etc. “Eles são ao mesmo tempo magnetizadores e magnetizados, inconscientemente”. Francisco de Assis enfrentou um caso assim na cidade de Arezzo, Itália.

9. Da Intervenção dos Espíritos no mundo corporal



Anjos de guarda. Espíritos protetores, familiares ou simpáticos
Os Espíritos afligem-se principalmente quando encontram egoísmo e dureza em nossos corações...

votam do que os Espíritos que nos são estranhos (Q. 488), mas há uma classe de Espíritos que supera a todos os demais, no quesito dedicação e compaixão para com as nossas misérias humanas: são os “anjos guardiões” (Q. 489 e 490).

A missão destes Espíritos em relação a nós, encarnados, é “a de um pai com relação aos filhos; a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida.” (Q. 491)

Esses Espíritos dedicam-se aos seus protegidos muitas vezes durante toda a sua existência e até ao longo de diversas existências (Q. 492).

“É uma doutrina, esta, dos anjos guardiães, que, pelo seu encanto e doçura, devera converter os mais incrédulos. Não vos parece grandemente consoladora a ideia de terdes sempre junto de vós seres que vos são superiores, prontos sempre a vos aconselhar e amparar, a vos ajudar na ascensão da abrupta montanha do bem; mais sinceros e dedicados amigos do que todos os que mais intimamente se vos liguem na Terra? Eles se acham ao vosso lado por ordem de Deus. Foi Deus quem aí os colocou e, aí permanecendo por amor de Deus, desempenham bela, porém penosa missão. Sim, onde quer que estejais, estarão convosco. Nem nos cárceres, nem nos hospitais, nem nos lugares de devassidão, nem na solidão, estais separados desses amigos a quem não podeis ver, mas cujo brando influxo vossa alma sente, ao mesmo tempo que lhes ouve os ponderados conselhos. “Ah! Se conhecêsseis bem esta verdade! Quanto vos ajudaria...” (Q. 495)

9. Da Intervenção dos Espíritos no mundo corporal



Pressentimentos
Os pressentimentos podem se originar na nossa própria intuição ou em alguma sugestão de nossos Espíritos protetores

Os Espíritos também têm suas afeições humanas, de natureza afim com o nível de evolução alcançado: “Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem, ou suscetíveis de se melhorarem. Os Espíritos inferiores com os homens viciosos, ou que podem tornar-se tais.” (Q. 484)

Afligem-se com nossas aflições e males, mas principalmente quando nos rebelamos contra eles, “porque nenhum benefício então tirais deles, assemelhando-vos, em tais casos, ao doente que rejeita a beberagem amarga que o há de curar” (Q. 486) ou quando revelamos egoísmo e dureza em nossos corações (Q. 487).

Claro que os parentes e amigos, que nos precederam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

precéderam na outra vida, maior simpatia nos

Esses “avisos” podem vir de nossos protetores mesmo sobre as questões mais práticas da vida (Q. 534), conforme nos alerta o próprio Kardec, na nota que faz sobre o tema:

“Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos, mediante a voz da consciência que fazem ressoar em nosso íntimo. Como, porém, nem sempre ligamos a isso a devida importância, outros conselhos mais diretos eles nos dão, servindo-se das pessoas que nos cercam. Examine cada um as diversas circunstâncias felizes ou infelizes de sua vida e verá que em muitas ocasiões recebeu conselhos de que se não aproveitou e que lhe teriam poupado muitos desgostos, se os houvera escutado”.



Retomando ao tema principal, Kardec passa a tratar das ocupações dos Espíritos, e começa por sua participação nos chamados “fenômenos da natureza”.

Revelam-nos os Espíritos que são eles os agentes inteligentes destes fenômenos, atuando no comando ou na execução dos mesmos, conforme o grau de adiantamento em que se encontrem (Q. 536, 537 e 538). A simples produção de uma tempestade reúne Espíritos em massas inumeráveis... (Q. 539)

Pelas explicações recebidas na conclusão do tema, essa participação / atuação nos fenômenos naturais faz parte do desenvolvimento espiritual, em fases que podem ser anteriores ou posteriores à

condição humana (Q. 538):

“Enquanto se ensaiam para a vida, antes que tenham plena consciência de seus atos e estejam no gozo pleno do livre-arbítrio, atuam em certos fenômenos, de que inconscientemente se constituem os agentes. Primeiramente, executam. Mais tarde, quando suas inteligências já houverem alcançado um certo desenvolvimento, ordenarão e dirigirão as coisas do mundo material. Depois, poderão dirigir as do mundo moral.” (Q. 540)

Essa passagem de “O Livro dos Espíritos” se encerra com o que talvez seja uma das frases mais importantes e sintéticas da Doutrina Espírita no que diz respeito à compreensão do processo evolutivo, e que merecia estar emoldurada em todos os centros espíritas... “É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo”.

Voltaremos a ela mais à frente... Que fique, por ora, para nossa meditação!

9. Da Intervenção dos Espíritos no mundo corporal



Nestes itens Kardec e os Espíritos nos ajudam a desmitificar uma série de crenças e superstições enraizadas no chamado senso comum.

Primeiro: Não há “pactos espirituais” no sentido que normalmente se atribui ao termo. A figura do pacto funciona aí como uma alegoria da simpatia que se dá entre Espíritos inferiores, encarnados e desencarnados, que algumas vezes se consorciavam com propósitos ruins. Não segue daí que suas vítimas não possam livrar-se de suas conjurações negativas por efeito de suas preces e pela força positiva de sua vontade (Q. 549).

Segundo: os chamados “poderes ocultos” são sempre limitados pela justiça de Deus. Idem para as ações das fórmulas e práticas exóticas e/ou

cabalísticas (Q. 553 e 553-a); dos talismãs (Q. 554); da força magnética dos “feiticeiros” (Q. 555), das bençãos e maldições de todos os matizes: “Jamais a bênção e a maldição podem desviar da senda da justiça a Providência, que nunca fere o maldito, senão quando mau, e cuja proteção não acoberta senão aquele que a merece.” (Q. 557)

As fórmulas prontas para os Espíritos não fazem sentido (até mesmo para os que as ditam aos crédulos – Q. 553-a); os aspectos míticos/mágicos dos talismãs acabam por favorecer a atração de Espíritos inferiores, que nada trazem de bom aos que os atraem para si (Q. 554); os feiticeiros de plantão têm muitas vezes mais interesse na credulidade alheia do que os “poderes” que se atribuem (Q. 555 e 556); e as bençãos e maldições só afetam aqueles que com elas sintonizam... (Q. 557)

“O Espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma imensidade de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu um sem-número de fábulas, em que os fatos se apresentam exagerados pela imaginação...” – ensina-nos Kardec...

10. Das ocupações e missões dos Espíritos



Das ocupações e missões dos Espíritos
A vida espírita é uma ocupação contínua...

Os Espíritos “concorrem para a harmonia do Universo, executando as vontades de Deus, cujos ministros eles são. A vida espírita é uma ocupação contínua, mas que nada tem de penosa, como a vida na Terra, porque não há a fadiga corporal, nem as angústias das necessidades.” (Q. 558)

Todos têm deveres a cumprir, individual (Q. 560) e permanentemente (Q. 561), dos mais humildes (Q. 559) aos mais elevados, para os quais a ociosidade seria um suplício (Q. 562), encarnados ou desencarnados (Q. 568).

A ociosidade, quando ocorre em qualquer dos planos onde a vida exulta, tem sempre o seu ponto limite, porque é da natureza do Espírito o prazer em ser útil e progredir (Q. 564, 574 e 574-a).

A natureza do trabalho de cada um é proporcional ao nível de progresso alcançado (Q. 563 e 563-a).

Pode acontecer, também, dos Espíritos interessarem-se por atividades humanas, mas estes interesses terão motivações diversas: para os mais atrasados, será fruto da sua própria limitação espiritual (Q. 566-a); para os mais elevados o interesse estará vinculado ao desenvolvimento que o assunto lhes propicie aos Espíritos e, ainda assim, outro será o ponto de vista, porque agora lhes parecerão pequenas as obras humanas... (Q. 565 e 566)

A paternidade é, sem dúvida alguma, uma das grandes missões dos encarnados... (Q. 582)



Dos três reinos
Tudo em a natureza é transição... Tudo em a natureza se encadeia por elos que ainda não podeis apreender...

Kardec tateia em “O Livro dos Espíritos” a progressividade e continuidade da evolução entre os três reinos da natureza, mas não consegue concluir.

Na questão 589 aborda as espécies que fazem a transição dos reinos mineral e vegetal, e o Espíritos respondem: “Tudo em natureza é transição” ...

Na questão 604, pergunta acerca da transição do animal e o homem, e os Espíritos são ainda mais claros na indicação da continuidade e progressividade na transição do princípio espiritual ou princípio inteligente de um reino ao outro: “Tudo em a Natureza se encadeia por elos que ainda não podeis apreender”.

A resposta à questão 607-a é ainda mais taxativa sobre o mesmo tema:

“Já não dissemos que tudo em a Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Assim, à fase da infância se segue a da adolescência, vindo depois a da juventude e da maturidade. [...] Reconhececi a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, mediante a qual tudo é solidário na Natureza”.

Em “A Gênese”, dez anos mais tarde, Kardec voltaria ao tema (Cap. XI, item 23), já resolvido em relação à progressividade física das espécies, mas ainda em dúvida sobre a progressividade do princípio espiritual, através das formas dos três reinos. Só com Roustain e Gabriel Delanne, mais tarde, é que esta confirmação se daria em definitivo...

O Livro dos Espíritos

Parte Terceira Das Leis Morais



O Livro dos Espíritos

► Parte Terceira

- I. Da Lei Divina ou Natural
- II. Da Lei de Adoração
- III. Da Lei do Trabalho
- IV. Da Lei de Reprodução
- V. Da Lei de Conservação
- VI. Da Lei de Destruição
- VII. Da Lei de Sociedade
- VIII. Da Lei do Progresso
- IX. Da Lei de Igualdade
- X. Da Lei de Liberdade
- XI. Da Lei de Justiça, Amor e Caridade
- XII. Da Perfeição Moral



questões mais importantes para a nossa vida e o nosso destino: que é o Bem? Que é o Mal?
Vamos ver?

Chegamos à terceira parte de “O Livro dos Espíritos”, uma parte toda dedicada às Leis Morais e que planta base, por assim dizer, ao que mais tarde viria a ser “O Evangelho segundo o Espiritismo”.

Kardec utiliza como inspiração para a composição dos capítulos os dez mandamentos de Moisés, estabelecendo, assim, uma primeira conexão entre a nova revelação e as revelações anteriores, de Cristo e Moisés. Como curiosidade, nós mostraremos, capítulo a capítulo, o mandamento correspondente ou relacionado.

Antes de entrar no tema, no entanto, Kardec analisa, conceitualmente, o que seja a Lei de Deus ou Lei Natural, e aborda ainda uma das



sempre, mas funciona de uma forma para a matéria e de outra para o Espírito, como lei do carma... As leis

As leis naturais são as leis de Deus (Q. 614). São a expressão de Seu pensamento, e valem tanto para os aspectos materiais quanto morais (Q. 617) da vida. Essas leis são eternas, assim como o próprio Criador (Q. 615). “Deus não se engana. Os homens é que são obrigados a modificar suas leis, por imperfeitas. As de Deus, essas são perfeitas.” (Q. 616)

As variações, quando ocorrem, são apenas adaptações ao lugar e ao nível dos personagens envolvidos. A lei da gravidade, por exemplo, tem sempre a mesma fórmula, mas se aplica em intensidade diferente conforme a massa do planeta que se observa. A lei de ação e reação é a mesma

divinas são “apropriadas à natureza de cada mundo e adequadas ao grau de progresso dos seres que os habitam.” (Q. 618)

O homem tem como desafio e como destino o conhecimento pleno das Leis de Deus (Q. 619). “Conhecereis a Verdade” – prometeu-nos Jesus – “e a Verdade vos libertará”. No plano espiritual, livre dos entraves da matéria, este conhecimento se dá mais facilmente (Q. 620), mas mesmo como encarnados nós a temos todas guardadas, no fundo de nossas consciências (Q. 621), e só as esquecemos porque as desprezamos, um dia... Temos em nós esse DNA divino, por isso nos ensinava Platão que “aprender é recordar”, e pela mesma razão insistia Jesus em nos lembrar que “o reino de Deus está dentro de nós”... Falaremos disto mais à frente, quando tratarmos da “Queda Espiritual”.

Ao longo do tempo Deus tem enviado à Terra muitos missionários para lembrar-nos as Suas Leis, principalmente no âmbito moral (Q. 622 e 626). Alguns cumpriram melhor a sua missão, outros nem tanto (Q. 623). O melhor jeito de se atestar a qualidade de um “profeta” é verificar-se a coerência entre os seus atos e palavras. Dizem-nos a respeito os Espíritos: “Impossível é que Deus se sirva da boca do mentiroso para ensinar a verdade.” (Q. 624) Na dúvida quanto a essa coerência, um segundo critério possível é o nível de desinteresse e desprendimento do dito profeta em relação às coisas do mundo e ao prestígio entre os homens... O maior de todos, Jesus - o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo - (Q. 625), não tinha sequer uma pedra onde repousar a cabeça e deixou-se crucificar entre ladrões... Essa revelação tem sido também progressiva, conforme o nível de maturidade alcançada pela humanidade: “Importa que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: o homem precisa habituar-se a ela, pouco a pouco; do contrário, fica deslumbrado” ... (Q. 628)



“A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus.” (Q.629)

Fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la (Q. 630). Deus nos deu inteligência suficiente para, em cada caso, fazer a avaliação do correto proceder... (Q. 631)

Em caso de dúvida, vale sempre lembrar o ensino do Cristo, de que a Lei de Deus se resume a “amar ao próximo como a si mesmo e a Deus sobre todas as coisas”, sendo a primeira frase como que sinônimo da segunda... Amar a Deus é amar ao

próximo, amar ao próximo é amar a Deus. Amar ao próximo é fazer a ele tudo o que, em seu lugar, gostaríamos que ele por nós fizesse... (Q. 632 e 647) Se a dúvida for em relação ao si mesmo, a avaliação do que realmente é necessário ou supérfluo também pode nos ajudar a discernir, em muitos casos... (Q. 633)

O mal só existe em função de nossas escolhas, do mau uso de nosso livre-arbítrio (Q. 634), e as leis de Deus valem igualmente para todos, independentemente de sua condição social (Q. 635 e 639), diferença havendo apenas com relação ao grau de responsabilidade (Q. 636): “Tanto mais culpado é o homem, quanto melhor sabe o que faz.” (Q. 637) O mal não é nunca uma necessidade, mas sempre apenas uma possibilidade diante do homem e mais culpado é este, quando o pratica, porque melhor o compreende (Q. 638).

Quem não faz o mal, mas se beneficia dele, é como se o tivesse praticado (Q. 640), e é tão repreensível desejar o mal, quanto praticá-lo (Q. 641).

Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, não basta que o homem não pratique o mal, mas, antes “cumpra-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo mal que haja resultado de não haver praticado o bem” (Q. 642), e não há nesse mundo alguém tão pobre que não possa fazer pelo menos uma gota de bem aos outros... “fazer o bem não consiste, para o homem, apenas em ser caridoso, mas em ser útil, na medida do possível, todas as vezes que o seu concurso venha a ser necessário.” (Q. 643) O mérito do bem está na dificuldade de praticá-lo (Q. 644 a 646).



Deus, embora de formas diferentes (Q. 652).

A adoração verdadeira é a do coração, qualquer que seja a sua expressão exterior (Q. 653 a 654). Isto não quer dizer que se recomende a vida contemplativa como meio de adoração, porque fomos feitos para ser úteis (Q. 657), e a fé se revela pelas obras...

A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada do coração (Q. 658).

"A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com ele. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir, agradecer." (Q. 659) Ela torna melhor o homem, porque o torna digno do amparo dos Espíritos do bem (Q. 660), e eles o fortalecem diante de suas provas (Q. 663), embora não modifiquem os nossos destinos.

As boas ações são a melhor prece (Q. 661).

Podemos orar por nós ou por terceiros, com igual proveito (Q. 662), inclusive pelos mortos (Q. 664 e 665).

Os antigos sacrifícios e as chamadas guerras santas são símbolos de uma religiosidade primitiva, que não tem mais lugar em nosso mundo (Q. 669-673).



de corpo outorgou Deus a inteligência, em compensação. Mas é sempre um trabalho." (Q. 676)

Mesmo nos mundos superiores o trabalho permanece como necessário, embora adaptado à natureza de seus habitantes. "A natureza do trabalho está em relação com a natureza das necessidades. Quanto menos materiais são estas, menos material é o trabalho." (Q. 678)

Aquele que não tem necessidade do trabalho em função do patrimônio pessoal ou de família, que procure um meio de tornar-se útil (Q. 679).

Que os filhos trabalhem para os pais, no momento aprazado, honrando e agradecendo aos pais os esforços por eles feitos em sua infância... (Q. 681)

E, finalmente, sobre os impossibilitados do trabalho, em função de restrições físicas: "Deus é justo e, pois, só condena aquele que voluntariamente tornou inútil a sua existência, porquanto esse vive a expensas do trabalho dos outros. Ele quer que cada um seja útil, de acordo com as suas faculdades." (Q. 680)

O outro lado do trabalho é o repouso. O repouso é também lei de Deus, assim como o trabalho (Q. 682), e o limite deste último deve ser o das forças de quem o exerce (Q. 683). Impor trabalho a alguém além deste limite é uma das piores ações, da qual deve-se precaver todo aquele que tem responsabilidade de administrar o trabalho alheio (Q. 684).

Os três primeiros mandamentos recebidos por Moisés e registrados no livro Êxodo, Cap.20, vv. 1 a 17, referem-se a diferentes aspectos da adoração:

- 1 - Não terás outros deuses diante de mim
- 2 - Não farás para ti imagem de escultura
- 3 - Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão

Deus em vão

Por isso Kardec inicia o seu estudo sobre as Leis Morais tratando da Lei de Adoração...

A adoração é a elevação do pensamento a Deus (Q. 649), e é um sentimento inato de todos os povos em todas as eras (Q. 650). Não há notícia de um povo ateu (Q. 651). Todos sempre adoraram a

"O trabalho é lei da Natureza, por isso mesmo que constitui uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque lhe aumenta as necessidades e os gozos." (Q. 674) Toda ocupação útil é "trabalho" (Q. 675), e toda a natureza trabalha também (Q. 677).

O trabalho se impõe ao homem em função "da sua natureza corpórea. É expiação e, ao mesmo tempo, meio de aperfeiçoamento da sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência. Por isso é que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Ao extremamente fraco

O homem tem também o direito do repouso na velhice (Q. 685), e, então, cabe ao forte amparar ao fraco e prover as suas necessidades (Q. 685-a).

4. Da Lei de reprodução



sensualidade são prova da predominância ainda do corpo sobre a alma, e o quanto material é ainda o homem... (Q. 694) Na questão 693-a, tratando da regulação da reprodução de animais e plantas, dizem algo que vale para reflexão também em nosso caso: “Deus concedeu ao homem, sobre todos os seres vivos, um poder de que ele deve usar, sem abusar. Pode, pois, regular a reprodução, de acordo com as necessidades. Não deve opor-se-lhe sem necessidade”.

As raças evoluem com o tempo (Q. 688). “Assim, a atual raça humana, que, pelo seu crescimento, tende a invadir toda a Terra e a substituir as raças que se extinguem, terá sua fase de decrescimento e de desaparecimento. Substituí-la-ão outras raças mais aperfeiçoadas, que descenderão da atual, como os homens civilizados de hoje descendem dos seres brutos e selvagens dos tempos primitivos.” (Q. 689) A evolução nos leva da força bruta, física, à força intelectual (Q. 691).

A intervenção da ciência para aperfeiçoamento das espécies deve ser vista com naturalidade, porque o próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir seus fins (Q. 692), ainda que o faça por interesse próprio. “Que importa seja nulo o seu merecimento, desde que o progresso se realize?” – ponderam os Espíritos, a este respeito (Q. 692-a).

O casamento é visto com um progresso na marcha da humanidade (Q. 695). Sem ele, viveríamos como animais... (Q. 696), e a sua indissolubilidade nada tem de “divina” ou qualquer relação com as leis de Deus (Q. 697), assim como o celibato (Q. 698) e a poligamia, “cuja abolição marca um progresso social.” (Q. 701)

5. Da Lei de Conservação



Todos os seres possuem o instinto de conservação ele é também lei da natureza (Q. 702). “A vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres. Eles o sentem instintivamente, sem disso se aperceberem.” (Q. 703)

Tendo dado ao homem a necessidade de viver, Deus lhe facultou também, em todos os tempos, os meios de o conseguir. “Essa a razão por que faz que a Terra produza de modo a proporcionar o necessário aos que a habitam” (Q. 704) e, se o homem nem sempre encontra na Terra o que dela precisa, é por imprevidência ou imperícia sua, ou por querer o supérfluo... “A terra produziria sempre o necessário, se com o

necessário soubesse o homem contentar-se. Se o que ela produz não lhe basta a todas as necessidades, é que ele emprega no supérfluo o que poderia ser aplicado no necessário.” (Q. 705)

Nos mundos de mais apurada organização, têm os seres vivos necessidade de alimentar-se, mas seus alimentos estão em relação com a sua natureza, e não seriam bastante substanciosos para os nossos estômagos grosseiros; nem seus habitantes poderiam digerir os nossos alimentos (Q. 710).

O uso dos bens da Terra é um direito de todos os homens (Q. 711). Por bens da Terra deve-se entender, aqui, tudo o que o homem pode gozar neste mundo (Q. 706).

Se falta a alguém o que lhe é necessário, primeiro é preciso verificar se fez tudo o que estava ao seu alcance para merecer o sustento desejado mas, se o fez, a causa de suas privações é o egoísmo dos

homens (Q. 707), e no caso deverá ser forte para enfrentar suas provas, confiante na justiça de Deus (Q. 708). Nas sociedades mais civilizadas, a filantropia sabe cuidar dos infortunados, lembra-nos Kardec...

Deus inspirou ao homem atração pelos gozos materiais para despertá-lo para o cumprimento de sua missão na Terra (Q. 712), mas também para prová-lo em seu discernimento e no equilíbrio entre o necessário e o supérfluo (Q. 715 a 717).

Por outro lado, as privações e mortificações voluntárias de nada valem, se não forem úteis a alguém... (Q. 718 a 727)

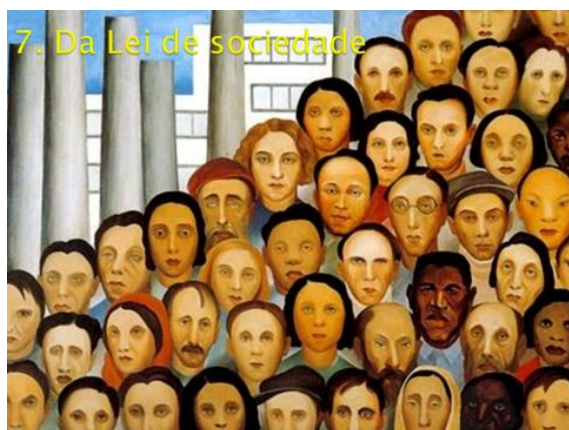


sofre a destruição.” (Q. 728-a) A Natureza coloca lado a lado os meios de conservação e os agentes de destruição para manter o equilíbrio do meio ambiente (Q. 731).

Esse princípio de equilíbrio vale para os casos individuais e também para os coletivos, no caso dos cataclismas naturais ou “flagelos destruidores”. Esses eventos, qualquer que seja a dimensão que assumam e o número de vítimas que atinjam, têm sempre um propósito de renovação do ambiente e de prova coletiva, colaborando simultaneamente para o progresso material e moral do planeta. Como estamos na Terra, atentamos mais para o lado negativo destes episódios, pensando nas mortes, do que no benefício que trarão. Os Espíritos, no entanto, nos ensinam que, para eles, a perspectiva é outra: “Os Espíritos, que preexistem e sobrevivem a tudo, formam o mundo real. [...] Os corpos são meros disfarces com que eles aparecem no mundo. Por ocasião das grandes calamidades que dizimam os homens, o espetáculo é semelhante ao de um exército cujos soldados, durante a guerra, ficassem com seus uniformes estragados, rotos ou perdidos. O general se preocupa mais com seus soldados do que com os uniformes deles.” (Q. 737-741)

A necessidade de destruição se enfraquece no homem, à medida que o Espírito sobrepuja a matéria (Q. 733). Guarda proporções com o estado mais ou menos material dos mundos e cessa, quando o físico e o moral se acham mais depurados.” (Q. 732)

O direito de destruição do homem, no entanto, está vinculado ao que é necessário e justo, e deve atentar sempre para não incorrer em abuso (Q. 734), basta ver os animais, que só matam para atender à própria sobrevivência... (Q. 735) As guerras (Q. 742) e os assassinios, em todas as suas formas (Q. 746-751) são o reflexo do predomínio ainda da brutalidade em nossa pseudo-civilização, e desaparecerão de cena à medida que progredirmos, individual e coletivamente, pois que representam resquícios de nossos aspectos mais primitivos... (Q. 752-756), assim como a própria pena de morte (Q. 760-765).



“Preciso é que tudo se destrua para renascer e se regenerar. O que chamamos destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e melhoria dos seres vivos.” (Q. 728) As folhas que caem ao chão, no outono, abrirão espaço para outras, mais novas, que brotarão quando a primavera chegar...

“As criaturas são instrumentos de que Deus se serve para chegar aos fins que objetiva. Para se alimentarem, os seres vivos reciprocamente se destroem, destruição esta que obedece a um duplo fim: manutenção do equilíbrio na reprodução, que poderia tornar-se excessiva, e utilização dos despojos do invólucro exterior que

sofre a destruição.” (Q. 728-a) A Natureza coloca lado a lado os meios de conservação e os agentes de destruição para manter o equilíbrio do meio ambiente (Q. 731).

Esse princípio de equilíbrio vale para os casos individuais e também para os coletivos, no caso dos cataclismas naturais ou “flagelos destruidores”. Esses eventos, qualquer que seja a dimensão que assumam e o número de vítimas que atinjam, têm sempre um propósito de renovação do ambiente e de prova coletiva, colaborando simultaneamente para o progresso material e moral do planeta. Como estamos na Terra, atentamos mais para o lado negativo destes episódios, pensando nas mortes, do que no benefício que trarão. Os Espíritos, no entanto, nos ensinam que, para eles, a perspectiva é outra: “Os Espíritos, que preexistem e sobrevivem a tudo, formam o mundo real. [...] Os corpos são meros disfarces com que eles aparecem no mundo. Por ocasião das grandes calamidades que dizimam os homens, o espetáculo é semelhante ao de um exército cujos soldados, durante a guerra, ficassem com seus uniformes estragados, rotos ou perdidos. O general se preocupa mais com seus soldados do que com os uniformes deles.” (Q. 737-741)

A necessidade de destruição se enfraquece no homem, à medida que o Espírito sobrepuja a matéria (Q. 733). Guarda proporções com o estado mais ou menos material dos mundos e cessa, quando o físico e o moral se acham mais depurados.” (Q. 732)

O direito de destruição do homem, no entanto, está vinculado ao que é necessário e justo, e deve atentar sempre para não incorrer em abuso (Q. 734), basta ver os animais, que só matam para atender à própria sobrevivência... (Q. 735) As guerras (Q. 742) e os assassinios, em todas as suas formas (Q. 746-751) são o reflexo do predomínio ainda da brutalidade em nossa pseudo-civilização, e desaparecerão de cena à medida que progredirmos, individual e coletivamente, pois que representam resquícios de nossos aspectos mais primitivos... (Q. 752-756), assim como a própria pena de morte (Q. 760-765).

A vida social é também uma Lei da Natureza. “Deus fez o homem para viver em sociedade. Não lhe deu inutilmente a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação” (Q. 766), e o insulamento absoluto, sob qualquer pretexto, é sempre antinatural (Q. 769-772) “pois que por instinto os homens buscam a sociedade e todos devem concorrer para o progresso, auxiliando-se mutuamente.” (Q. 767)

O insulamento só vale quando se torna útil a alguém (ex.: um escritor que se isola para escrever uma nova obra ou alguém que se afasta dos seus para cuidar de necessitados) (Q. 771).

A constituição da família constitui também uma lei da Natureza. Quis Deus que, por essa forma, os homens aprendessem a amar-se como irmãos (Q. 774) e, sem ela, haveria uma recrudescência do egoísmo... (Q. 775)

O [...] mundo, por mais áspero, representará para o nosso espírito a escola de perfeição, cujos instrumentos corretivos bendiremos, um dia. Os companheiros de jornada que o habitam, conosco, por mais ingratos e impassíveis, são as nossas oportunidades de materialização do bem, recursos de nossa melhoria e de nossa redenção, e que, bem aproveitados por nosso esforço, podem transformar-nos em heróis. Não há medida para o homem, fora da sociedade em que ele vive. Se é indubitável que somente o nosso trabalho coletivo pode engrandecer ou destruir o organismo social, só o organismo social pode tornar-nos individualmente grandes ou miseráveis.

(Roteiro – Espírito Emmanuel – Médiun Chico Xavier.)



O tema deste capítulo é extremamente atual... Kardec começa questionando a visão idealizada do chamado “estado de natureza” – o estado primitivo da humanidade – lembrado por muitos com uma visão saudosista ou como modelo de integração com a natureza para a sociedade de hoje. Os Espíritos criticam esse “modelo” - “Que queres! É a felicidade do bruto” (Q. 777) – e defendem o lado positivo do progresso: “o homem tem que progredir incessantemente e não pode volver ao estado de infância. Desde que progride, é porque Deus assim o quer. Pensar que possa retrogradar à sua primitiva condição fora negar a lei do progresso” (Q. 778).

O homem tira de si mesmo a força motriz do progresso, mas nem todos progredem simultaneamente e do mesmo modo. Os mais avançados têm de auxiliar os mais atrasados (Q. 779). O progresso moral nem sempre acompanha o intelectual (Q. 780), mas esse último pode auxiliar ao primeiro trazendo melhor entendimento do que é certo e errado (Q. 780-a). Podemos até atrasar o progresso, com nossos atos, mas jamais conseguiremos detê-lo... (Q. 781-a), muito menos fazer a humanidade retrogradar... (Q. 781-a e 782) Mesmo nos momentos de crise, como o que estamos vivendo e quando comumente achamos que a humanidade retrocedeu em seus valores, ele se mantém, vivo, demandando nossa atenção para os seus sinais... : “Faz-se mister que o mal chegue ao excesso, para tornar compreensível a necessidade do bem e das reformas.” (Q. 784) Quando um povo ou nação parece “degenerar” o que acontece é que o grupo de Espíritos que o compunha foi substituído por outro, menos evoluído (Q. 786-788). (Podemos citar como exemplo o antigo Egito...) O progresso natural, que resulta da força das coisas, é geralmente regular e lento, mas Deus também pode precipitá-lo ou acelerá-lo, quando julga necessário (Q. 783). O orgulho e o egoísmo são os maiores entraves ao seu andamento (Q. 785).

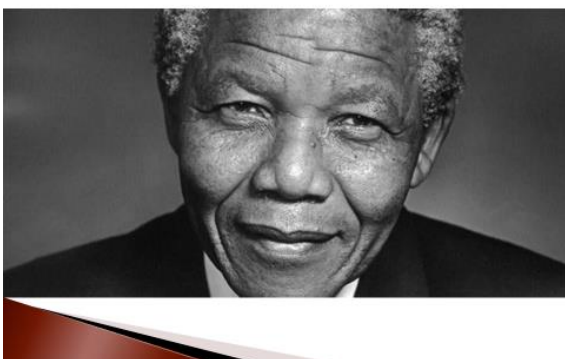
Na questão 789, Kardec antecipa a discussão sobre a globalização, perguntando se as nações do mundo constituirão uma única, num futuro distante... Os Espíritos respondem que não, dadas as diferenças culturais, mas dão notícia da verdadeira paz, universal...

O importante, ensinam-nos os Espíritos, é percebermos que o nosso modelo de civilização é ainda uma obra incompleta (Q. 790). Vamos completá-la, um dia, mas para tanto precisaremos ser mais capazes e operosos no bem (Q. 792). Reconhecemos o progresso de uma civilização pelo seu avanço moral (Q. 793) e pela sintonia de suas leis com a lei natural (Q. 794 a 797). Destruindo o materialismo, abolindo os preconceitos de seita e castas e ensinando aos homens a solidariedade, o Espiritismo dará grande contribuição a este progresso (Q. 798-802).

Da sensação à irritabilidade, da irritabilidade ao instinto, do instinto à inteligência e da inteligência ao discernimento, séculos e séculos correram incessantes. A evolução é fruto do tempo infinito... De átomo a átomo, organizam-se os corpos astronômicos dos mundos e de pequenina experiência em pequenina experiência, infinitamente repetidas, alarga-se-nos o poder da mente e sublimam-se-nos as manifestações da alma que, no escoar das eras imensuráveis, cresce no conhecimento e aprimora-se na virtude, estruturando, pacientemente, no seio do espaço e do tempo, o veículo glorioso com que escalsemos, um dia, os impérios deslumbrantes da Beleza Imortal.

(Roteiro – Espírito Emmanuel – Médiun Chico Xavier)

9. Da Lei de igualdade



817-822)

“É no túmulo, no entanto, que terminam todas as distinções humanas” (Q. 824), qualquer que seja a pompa que a humanidade dê às suas exéquias, quase sempre um último ato de orgulho (Q. 823). “Supões que o mármore salva do esquecimento aquele que na Terra foi inútil?” (Q. 824)

As honrarias, no entanto, são oportunas e bem-vindas, quando é o caso de honrar a memória de um justo, de um homem de bem, para que sirva de exemplo a todos... (Q. 824)

A [...] concepção igualitária absoluta é um erro grave dos sociólogos, em qualquer departamento da vida. A tirania política poderá tentar uma imposição nesse sentido, mas não passará das espetaculosas uniformizações simbólicas para efeitos exteriores, porquanto o verdadeiro valor de um homem está no seu íntimo, onde cada espírito tem sua posição definida pelo próprio esforço. [...] A harmonia do mundo não virá por decretos, nem de parlamentos que caracterizam sua ação por uma força excessivamente passageira. Sabemos que [...] existe uma igualdade absoluta de direitos dos homens perante Deus, que concede a todos os seus filhos uma oportunidade igual nos tesouros inapreciáveis do tempo. Esses direitos são os da conquista da sabedoria e do amor, através da vida, pelo cumprimento do sagrado dever do trabalho e do esforço individual. Eis por que cada criatura terá o seu mapa de méritos nas sendas evolutivas, constituindo essa situação, nas lutas planetárias, uma grandiosa escala progressiva em matéria de raciocínios e sentimentos, em que se elevará naturalmente todo aquele que mobilizar as possibilidades concedidas à sua existência para o trabalho edificante na iluminação de si mesmo, nas sagradas expressões do esforço individual.

(O Consolador – Espírito Emmanuel – Médium Chico Xavier)

10. Da Lei de liberdade



também, como intrínsecas à sua natureza mesma, a liberdade de pensar (Q. 833 e 834), a de consciência (Q. 835 a 842) e o seu livre-arbítrio (Q. 843).

Em relação a este último, é claro que em determinadas situações o homem tem dificuldades ou inibidores para manifestá-lo – durante a infância (Q. 844), nos casos de fortes predisposições instintivas trazidas de outras vidas (Q. 845), nos casos de limitações e ou aberrações físicas (Q. 846 e 847) e às vezes até em função de sua condição social (Q. 850) – mas, em relação ao bem e ao mal, o homem é sempre senhor de si, para ceder ou resistir (Q. 851), enquanto tiver consciência de seus atos.

A fatalidade existe para as provas que foram escolhidas antes da encarnação ou para as provações físicas (Q. 851), ou para o momento da morte (Q. 853), nos casos em que todos os limites do corpo já foram alcançados (vide a este respeito a obra Os Quatro Evangelhos, Tomo 4, comentários ao 5º Mandamento).

O Espiritismo derruba o sectarismo de todos os tipos e matizes pelas bases:

“Deus criou iguais todos os homens” (Q. 803) e todos têm sua contribuição a dar à sociedade (Q. 804); as desigualdades sociais desaparecerão, um dia, restando apenas aquelas resultantes do merecimento (Q. 806 e 806-a, e 808-813); são os mesmos Espíritos que se alternam no papel de riqueza e pobreza, ao longo do tempo, e Deus assim o faz apenas para experimentá-los de modos diferentes (Q. 814-816); e o mesmo ocorre entre os gêneros – são os mesmos os Espíritos que animam homens e mulheres. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização... (Q.

A liberdade absoluta não existe, “porque desde que juntos estejam dois homens, há entre eles direitos recíprocos que lhes cumpre respeitar.” (Q. 825 e 826)

Isso não impede, no entanto, que o homem pertença a si mesmo (Q. 827), o que vai frontalmente de encontro a qualquer modo de escravidão: “É contrária à lei de Deus toda sujeição absoluta de um homem a outro homem. A escravidão é um abuso da força. Desaparece com o progresso, como gradativamente desaparecerão todos os abusos.” (Q. 829)

Além desse princípio de liberdade que lhe garante a integridade pessoal, o homem tem

Não cabe ao homem, por isso, conhecer o seu futuro (Q. 868), por que, se o soubesse, ou negligenciaria os seus atos ou tentaria interferir neles conforme os seus interesses (Q. 869). Deus só permite este conhecimento quando eventualmente ele se torna útil, ou mesmo como prova para quem passa a conhecê-lo, em alguma medida... (Q. 870)

“Mas se Deus sabe de tudo, se sabe de antemão se falirá ou não, porque, então, testa o homem?”, poder-se-ia perguntar; vejamos a resposta dos Espíritos à questão 871:

“[...] A prova não tem por fim dar a Deus esclarecimentos sobre o homem, pois que Deus sabe perfeitamente o que ele vale, mas dar ao homem toda a responsabilidade de sua ação, uma vez que tem a liberdade de fazer ou não fazer. Dotado da faculdade de escolher entre o bem e o mal, a prova tem por efeito pô-lo em luta com as tentações do mal e conferir-lhe todo o mérito da resistência. Ora, conquanto saiba de antemão se ele se sairá bem ou não, Deus não o pode, em sua justiça, punir, nem recompensar, por um ato ainda não praticado.”

De século para século, menos dificuldade encontra o homem para pensar sem peias e, a cada geração que surge, mais amplas se tornam as garantias individuais no que tange à inviolabilidade do foro íntimo. [...] Nas dissensões religiosas, as chamas das fogueiras foram substituídas pelas luzes do esclarecimento, e na catequese filosófica ou política, estejamos certos, daqui para o futuro, buscar-se-á empregar, cada vez mais, a força da persuasão ao invés da imposição pela força.

(As Leis Morais – Rodolfo Calligaris)

11. Da Lei de justiça, amor e caridade



O sentimento de justiça está na natureza do homem. “É fora de dúvida que o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá. Deus o pôs no coração do homem.” (Q. 873) As variações de entendimento sobre o que é justo ou injusto se dão em função das paixões e interesses humanos (Q. 874).

Entende-se por justiça o respeito ao direito dos demais (Q. 875) e, embora as legislações humanas variem entre si e ao longo tempo (Q. 875-a), há, acima delas, um princípio sagrado, ensinado pelo Cristo: “Queira cada um para os outros o que quereria para si mesmo.” (Q. 876 e 878) “A vida social outorga direitos e impõe deveres recíprocos.”

(Q. 877) Por outro lado, sem amor ao próximo e sem caridade, não há verdadeira justiça. Jesus é o modelo do homem justo por excelência, e são os seus exemplos que devemos seguir, se desejarmos buscar, de fato, a vera justiça... (Q. 879)

O primeiro direito natural de todos os homens é o de viver (Q. 880). Para tanto, pode o homem acumular bens que sejam fruto de seu trabalho honesto e cultivar a previdência (Q. 881), e mesmo de defendê-los, se necessário (Q. 882), o abuso só existe quando o desejo de posse atende a si somente e à sua satisfação pessoal, caindo no egoísmo (Q. 883).

“Propriedade legítima só é a que foi adquirida sem prejuízo de outrem” (Q. 884), mas o entendimento humano ainda variará muito sobre a aplicação deste princípio, porque “o que num século parece perfeito, afigura-se bárbaro no século seguinte.” (Q. 885)

A questão 886, que vem em seguida a este bloco, “Direito de Propriedade, Roubo”, traz uma das questões mais importantes de “O Livro dos Espíritos”, definindo o sentido verdadeiro desta palavra “conforme a entendia Jesus”: “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.” Esta definição de *caridade* deve ser lembrada e aplicada sempre, por todos nós, Espíritos, porque repetimos a todo momento o ensino de Kardec, com a frase “Fora da Caridade não há salvação”, mas sem considerar apropriadamente o sentido original e essencial desta sentença. “Fora da benevolência, não há salvação”... poderíamos dizer. “Fora da indulgência não há salvação” ou, ainda, “Fora do Perdão, não há salvação” ...

É essa a verdadeira caridade, que nos leva a retribuir ao inimigo o mal com o bem (Q. 887) e faz com que o homem de bem vá ao encontro do desgraçado, sem que este necessite lhe estender a mão (Q. 888 e 888-a), que inspira o amor materno e filial, mesmo quando as limitações humanas se apresentam, despertando-nos o senso de dever e dando-nos forças de enfrentar a todas as dificuldades do caminho, principalmente no trato dos filhos (Q. 890-892).

Von Liszt, eminente criminalista dos tempos modernos, observa que o Estado, em sua expressão de organismo superior, e excetuando-se, como é claro, os grupos criminosos que por vezes transitoriamente o arrastam a funestos abusos do poder, não prescinde da pena, a fim de sustentar a ordem jurídica. A necessidade da conservação do próprio Estado justifica a pena. Com essa conclusão, apagam-

se, quase que totalmente, as antigas controvérsias entre as teorias de Direito Penal, de vez que, nesse ou naquele clima de arregimentação política, a tendência a punir é congenial ao homem comum, em face da necessidade de manter, tanto quanto possível, a intangibilidade da ordem no plano coletivo. Todavia, [...] o Espiritismo revela uma concepção de justiça ainda mais ampla. A criatura não se encontra simplesmente subordinada ao critério dos penólogos do mundo, categorizados à conta de cirurgões eficientes no tratamento ou na extirpação da gangrena social. Quanto mais esclarecida a criatura, tanto mais responsável, entregue naturalmente aos arestos da própria consciência, na Terra ou fora dela, toda vez que se envolve nos espinheiros da culpa. Assim, os [...] princípios codificados por Allan Kardec abrem uma nova era para o espírito humano, compelindo-o à auscultação de si mesmo, no reajuste dos caminhos traçados por Jesus ao verdadeiro progresso da alma, e explicam que o Espiritismo, por isso mesmo, é o disciplinador de nossa liberdade, não apenas para que tenhamos na Terra uma vida social dignificante, mas também para que mantenhamos, no campo do espírito, uma vida individual harmoniosa, devidamente ajustada aos impositivos da Vida Universal Perfeita, consoante as normas de Eterna Justiça, elaboradas pelo supremo equilíbrio das Leis de Deus.

(Ação e Reação – Espírito Emmanuel – Médiun Chico Xavier)



“Toda virtude tem seu mérito próprio, porque todas indicam progresso na senda do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. A sublimidade da virtude, porém, está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade.” (Q. 893) Em contrapartida, a preocupação com o interesse pessoal é o sinal mais característico da imperfeição (Q. 895). Quando espontânea, a virtude revela um progresso já realizado. Nos mundos mais adiantados do que o nosso, constitui a regra o que entre nós representa a exceção. Em todos os pontos

desses mundos, o sentimento do bem é espontâneo, porque somente bons Espíritos os habitam. Lá, uma só intenção maligna seria monstruosa exceção ... (Q. 894)

Não se confunda, no entanto, caridade com prodigalidade. “A riqueza, assim como não é dada a uns para ser aferrolhada num cofre forte, também não o é a outros para ser dispersada ao vento” – ensinam-nos os Espíritos, na questão 896.

O egoísmo é o pior dos vícios (Q. 913) e se apresenta entre nós das mais variadas formas. Alguns o justificam para guardar patrimônio aos herdeiros (Q. 900); outros sob o pretexto de juntar para fazer o bem... (Q. 902) O fato, porém, é que a cobiça e a avareza são reprováveis sob todos os aspectos, e mais especialmente naqueles que já conheceram a pobreza e a dor (Q. 899). Grande papel terá o Espiritismo na erradicação do Egoísmo, renovando, pouco a pouco, o padrão social (Q. 917).

Observar o defeito dos outros e da sociedade, no entanto, requer cuidado, sempre. “Antes de censurardes as imperfeições dos outros, vede se de vós não poderão dizer o mesmo”, e as palavras vazias de virtude pouco valem... (Q. 903 e 905) A crítica, quando feita, tem que nascer sempre inspirada na boa intenção e no propósito de ajudar (Q. 904).

O homem de bem é aquele cujos atos de sua vida corporal representam a prática da lei de Deus e quando antecipadamente compreende a vida espiritual (Q. 918). Ele busca continuamente o seu aperfeiçoamento pelo conhecimento de si mesmo, julgando e ponderando, a cada dia, as suas ações (Q. 919).

Esses são verdadeiramente bem-aventurados, ainda na Terra...

Assim, não [...] há progresso possível sem observação atenta de nós mesmos. É necessário vigiar todos os nossos atos impulsivos para chegarmos a saber em que sentido devemos dirigir nossos esforços para nos aperfeiçoarmos. Querer é poder! O poder da vontade é ilimitado. O homem, consciente de si mesmo, de seus recursos latentes, sente crescerem suas forças na razão dos esforços. Sabe que tudo o que de bem e bom desejar há de, mais cedo ou mais tarde, realizar-se inevitavelmente, ou na atualidade ou na série das suas existências, quando seu pensamento se puser de acordo com a Lei Divina. E é nisso que se verifica a palavra celeste: A Fé transporta montanhas.

A felicidade não está nas coisas externas nem nos acasos do exterior, mas somente em nós mesmos, na vida interna que soubermos criar. Que importa que o céu esteja escuro por cima de nossas cabeças e os homens sejam ruins em volta de nós, se tivermos a luz na frente, alegria do bem e a liberdade moral no coração? Se, porém, eu tiver vergonha de mim mesmo, se o mal tiver invadido meu pensamento,

se o crime e a traição habitarem em mim, todos os favores e todas as felicidades da Terra não me restituirão a paz silenciosa e a alegria da consciência.

Acima de tudo, porém, busquemos o amor, essência de tudo que há de divino em nós, farol orientador dos nossos esforços de autoeducação: *A todas as interrogações do homem, a suas hesitações, a seus temores, a suas blasfêmias, uma voz grande, poderosa e misteriosa responde: Aprende a amar! O amor é o resumo de tudo, o fim de tudo. Dessa maneira, estende-se e desdobra-se sem cessar sobre o Universo a imensa rede de amor tecida de luz e ouro. Amar é o segredo da felicidade. Com uma só palavra o amor resolve todos os problemas, dissipa todas as obscuridades. O amor salvará o mundo; seu calor fará derreter os gelos da dúvida, do egoísmo, do ódio; enternecerá os corações mais duros, mais refratários.*

(O Problema do Ser, do Destino e da Dor – Léon Dennis)

O Livro dos Espíritos

Parte Quarta Das Esperanças e Consolações



O Livro dos Espíritos

► Parte Quarta

- I. Das Penas e Gozos Terrenos
- II. Das Penas e Gozos Futuros



causa dos padecimentos não se encontra na existência atual, está, sem dúvida, em precedentes reencarnações.

Repetem-se as vidas corporais para o Espírito, quantas vezes se fazem necessárias para o seu burilamento, a sua plenitude.

Cada etapa repara os erros da fase anterior, ao mesmo tempo contribuindo para a aquisição de valores e experiências que necessitam ser armazenados e que contribuem, poderosamente, para a evolução do homem.

Sem esse processo, no qual se manifestam a excelsa justiça e o soberano amor, a vida inteligente perderia o sentido e a criatura humana se transformaria em joguete de caprichosas e incontroladas mãos que lhe conduziram o destino.

(Trecho da mensagem 'Ascensão Espiritual' do livro Otimismo – Espírito Joanna de Ângelis – Médiun Divaldo Pereira Franco)

Na parte final de O Livro dos Espíritos podemos perceber o fundamento e a continuidade da vida, embasados nas leis de justiça, amor e caridade.

Assim, tudo se explica e se encadeia, ao ser-nos apresentados e relacionados, à luz da razão, o passado, o presente e o futuro.

Quando a criatura sofre sem conhecimento das causas que a levam à aflição, raramente logra forças para superar-se e suportar com resignação as suas dores.

Eis porque, ante a conjuntura ou situação dolorosa que atinge os homens, somente se pode entender, ante a divina justiça, que se a



O homem não tem, na Terra, a possibilidade de gozar a felicidade plena, porque estamos todos num mundo de expiação e provas, mas pode com suas atitudes suavizar os seus males e ser tão feliz quanto possível... (Q. 920), alcançando assim uma felicidade relativa: “O homem é quase sempre o obreiro da sua própria infelicidade. Praticando a lei de Deus, a muitos males se forrará e proporcionará a si mesmo felicidade tão grande quanto o comporte a sua existência grosseira.” (Q. 921)

Em relação à vida material, a felicidade é, para o homem a posse do necessário. Em relação à vida moral, basta a consciência

tranquila (Q. 922 e 923).

“Verdadeiramente infeliz o homem só o é quando sofre da falta do necessário à vida e à saúde do corpo” (Q. 927), mas aos males que nos atingem de forma aparentemente gratuita, aceitemo-los sem murmurar, para progredir (Q. 924), porque Deus é Pai e é Justo, e dá a cada um segundo as suas obras... E àqueles que parecem afortunados, também sem merecer, ofereçamos a nossa complacência, “porque a riqueza é, de ordinário, prova mais perigosa do que a miséria.” (Q. 925)

Os males deste mundo estão ainda na razão das falsas necessidades que criamos para nós mesmos... “O que menos necessidades tem, esse o mais rico.” (Q. 926)

No limite da adversidade, “o homem acharia sempre meio de se alimentar, se o orgulho não se colocasse entre a necessidade e o trabalho” (Q. 929), mas é também importante lembrar que “numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo, jamais alguém morreria de fome.” (Q. 930)



A perda dos entes que nos são caros constitui para nós uma legítima causa de dor. “Essa causa de dor atinge assim o rico, como o pobre: representa uma prova, ou expiação, e comum é a lei”. Temos, porém, uma consolação, que é a de poder comunicar-nos com os nossos afetos através das comunicações mediúnicas, desde o advento do Espiritismo (Q. 934).

A saudade, no entanto, deve ser vivida com equilíbrio. “O Espírito é sensível à lembrança e às saudades dos que lhe eram caros na Terra”, e “uma dor incessante e desarrazoada o toca penosamente.” (Q. 936) Enviemos a eles as nossas preces e o nosso carinho, confiantes no reencontro

que, cedo ou tarde, certamente se dará...

Aproveitando o ensejo, os Espíritos enviam também uma mensagem aos que consideram profanação as comunicações com o além-túmulo:

“Não pode haver nisso profanação, quando haja recolhimento e quando a evocação seja praticada respeitosa e convenientemente. A prova de que assim é tendes no fato de que os Espíritos que vos consagram afeição acodem com prazer ao vosso chamado. Sentem-se felizes por vos lembrardes deles e por se comunicarem convosco. Haveria profanação, se isso fosse feito levianamente.” (Q. 935)

Aliás, basta lembrar o exemplo do próprio Cristo que, em pleno Tabor, no episódio de sua transfiguração, promoveu com João, Pedro e Tiago e, no plano espiritual, Elias e um outro Espírito Superior, a mais sublime reunião mediúnica que se possa imaginar...



levada em conta e os que vos forem ingratos serão tanto mais punidos, quanto maior lhes tenha sido a ingratidão.” (Q. 938 e 939)

Os problemas no casamento são também fontes constantes de dissabores... Os Espíritos comentam também este tipo de provação: “quantos não são os que acreditam amar perdidamente, porque apenas julgam pelas aparências, e que, obrigados a viver com as pessoas amadas, não tardam a reconhecer que só experimentaram um encantamento material! Não basta uma pessoa estar enamorada de outra que lhe agrada e em quem supõe belas qualidades. Vivendo realmente com ela é que poderá apreciá-la. Tanto assim que, em muitas uniões, que a princípio parecem destinadas a nunca ser simpáticas, acabam os que as constituíram, depois de se haverem estudado bem e de bem se conhecerem, por votar-se, reciprocamente, duradouro e terno amor, porque assente na estima! Cumpre não se esqueça de que é o Espírito quem ama e não o corpo, de sorte que, dissipada a ilusão material, o Espírito vê a realidade.” (Q. 939)

Deus, no entanto, não nos constringe a viver junto dos que nos desagradam. Cada um que avalie a sua responsabilidade em cada situação e o melhor caminho a seguir ... (Q. 940 e 940-a)



Para muitas pessoas o temor da morte é também fonte de perplexidade...

A insistência nos mitos do céu e do inferno, e nos modelos de religiosidade que não atendem também à razão, são as causas destes temores infundados: “Sucedem então que, tornadas adultas, essas pessoas, se algum juízo têm, não podem admitir tal coisa e se fazem ateias, ou materialistas. São assim levadas a crer que, além da vida presente, nada mais há” – dizem os Espíritos. “Quanto aos que persistiram nas suas crenças da infância, esses temem aquele fogo eterno que os queimará sem os consumir.” (Q. 941 e 942)



“A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário às leis da Natureza. Todas nos dizem, em princípio, que ninguém tem o direito de abreviar voluntariamente a vida. Entretanto, por que não se tem esse direito? Por que não é livre o homem de pôr termo aos seus sofrimentos?

Ao Espiritismo estava reservado demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é uma falta, somente por constituir infração de uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas também um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica, antes o contrário é o que se dá, como no-lo ensinam, não a teoria, porém os fatos que ele nos põe sob as vistas”.

“A afinidade que permanece entre o Espírito e o corpo produz, nalguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no Espírito, que, assim, a seu mau grado, sente os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também pode durar pelo tempo que devia durar a vida que sofreu interrupção. Não é geral este efeito; mas, em caso algum, o suicida fica isento das consequências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia, de um modo ou de outro, a culpa em que incorreu. Assim é que certos Espíritos, que foram muito desgraçados na Terra, disseram ter-se suicidado na existência precedente e submetido voluntariamente a novas provas, para tentarem suportá-las com mais resignação. Em alguns, verifica-se uma espécie de ligação à matéria, de que inutilmente procuram desembaraçar-se, a fim de voarem para mundos melhores, cujo acesso, porém, se lhes conserva interdito. A maior parte deles sofre o pesar de haver feito uma coisa inútil, pois que só decepções encontram.” (Nota de Kardec às Q. 943-957)

2. Das penas e gozos futuros



O nada. Vida futura

Pensando na morte, o espírito humano tem natural horror à ideia do nada. Afinal, o nada em si mesmo não existe...

ao corpo, se a nossa essência moral houvesse de perder-se no oceano do infinito? As consequências, para nós, seriam as mesmas que se tivéssemos de nos sumir no nada.”

Pensando na morte, o espírito humano tem natural horror à ideia do nada. Afinal, o nada em si mesmo não existe (Q. 958), e, antes de encarnar, o Espírito conhecia todas essas coisas e a alma conserva vaga lembrança do que sabe e do que viu no estado espiritual.” (Q. 959)

Assim diz Kardec sobre o assunto:

“Crer em Deus, sem admitir a vida futura, fora um contrassenso. O sentimento de uma existência melhor reside no foro íntimo de todos os homens e não é possível que Deus aí o tenha colocado em vão. A vida futura implica a conservação da nossa individualidade, após a morte. Com efeito, que nos importaria sobreviver



Intuição das penas e gozos futuros

“Não é de balde que uma voz interior vos fala. O vosso erro consiste em não lhe prestardes bastante atenção. Melhores vos tornariéis, se nisso pensásseis muito, e muitas vezes.”

bem.” (Q. 961)

Assim também com relação à intuição sobre as penas e gozos que nos aguardam...

“É sempre a mesma coisa: pressentimento da realidade, trazido ao homem pelo Espírito nele encarnado” – dizem-nos os Espíritos.

“Porque, sabei-o bem, não é de balde que uma voz interior vos fala. O vosso erro consiste em não lhe prestardes bastante atenção. Melhores vos tornariéis, se nisso pensásseis muito, e muitas vezes.” (Q. 960)

É este sentimento instintivo que causa “a dúvida, nos cépticos empedernidos; o temor, nos culpados; a esperança, nos homens de

“A responsabilidade dos nossos atos é a consequência da realidade da vida futura” – conclui Kardec. “Dizem-nos a razão e a justiça que, na partilha da felicidade a que todos aspiram, não podem estar confundidos os bons e os maus. Não é possível que Deus queira que uns gozem, sem trabalho, de bens que outros só alcançam com esforço e perseverança.”



“Deus se ocupa com todos os seres que criou, por mais pequeninos que sejam. Nada, para a sua bondade, é destituído de valor (Q. 963), mas essa ação não precisa ser em âmbito individual: Deus tem suas leis a regerem todas as vossas ações. Se as violais, vossa é a culpa. Indubitavelmente, quando um homem comete um excesso qualquer, Deus não profere contra ele um julgamento, dizendo-lhe, por exemplo: Foste guloso, vou punir-te. Ele traçou um limite; as enfermidades e muitas vezes a morte são a consequência dos excessos. Eis aí a punição; é o resultado da infração da lei. Assim em tudo.” (Q. 964)

Kardec serve-se de uma pequena parábola para ilustrar este ensino dos Espíritos: “Um pai deu a seu filho educação e instrução, isto é, os meios de se guiar. Cede-lhe um campo para que o cultive e lhe diz: Aqui estão a regra que deves seguir e todos os instrumentos necessários a tornares fértil este campo e assegures a tua existência. Dei-te a instrução, para compreenderes esta regra. Se a seguires, teu campo produzirá muito e te proporcionará o repouso na velhice. Se a desprezares, nada produzirá e morrerás de fome. Dito isso, deixa-o proceder livremente.” Não é verdade que esse campo produzirá na razão dos cuidados que forem dispensados à sua cultura e que toda negligência redundará em prejuízo da colheita? Na velhice, portanto, o filho será ditoso, ou desgraçado, conforme haja seguido ou não a regra que seu pai lhe traçou. Deus ainda é mais providente, pois que nos adverte, a cada instante, de que estamos fazendo bem ou mal. Envia-nos os Espíritos para nos inspirarem, porém não os escutamos. Há mais esta diferença: Deus faculta sempre ao homem, concedendo-lhe novas existências, recursos para reparar seus erros passados, enquanto ao filho de quem falamos, se empregou mal o seu tempo, nenhum recurso resta.”



Falando de alguém que morreu, costumamos dizer que deixou de sofrer. Nem sempre isto exprime a realidade. Como Espírito, estamos isentos de dores físicas; porém, tais sejam as faltas que se tenha cometido, pode-se estar sujeito a dores morais mais agudas e ainda vir a ser mais desgraçado em nova existência: o mau rico terá que pedir esmola e se verá a braços com todas as privações oriundas da miséria; o orgulhoso, com todas as humilhações: o que abusa de sua autoridade e trata com desprezo e dureza os seus subordinados se verá forçado a obedecer a um superior mais ríspido do que ele o foi.

Todas as penas e tribulações da vida são expiação das faltas de outra existência, quando não a consequência das da vida atual (Q. 983), ou ainda provações, impostas por Deus ou escolhidas pelo Espírito mesmo, antes de encarnar, para o seu aprimoramento (Q. 984).

Para cada um e todos nós, o total de felicidade futura corresponde à soma do bem que tenhamos feito, estando o da infelicidade na proporção do mal que hajamos praticado e daqueles a quem tenhamos desgraçado (Q. 988).

Os que simplesmente não fazem o mal, mas também não se livram das influências da matéria, ficam estacionários (Q. 987).



esclarecimento feito pelos bons Espíritos, seja por efeito da dor... (Q. 993-996) Como nos diz o Cristo, “é da vontade do Pai que nenhum de seus pequeninos se perca.”

“A expiação se cumpre durante a existência corporal, mediante as provas a que o Espírito se acha submetido e, na vida espiritual, pelos sofrimentos morais, inerentes ao estado de inferioridade do Espírito.” (Q. 998) “Mas – avisam eles - não creiais que as resgateis mediante algumas privações pueris, ou distribuindo em esmolas o que possuídes, depois que morrerdes, quando de nada mais precisais. Deus não dá valor a um arrependimento estéril, sempre fácil e que apenas custa o esforço de bater no peito. A perda de um dedo mínimo, quando se esteja prestando um serviço, apaga mais faltas do que o suplício da carne suportado durante anos, com objetivo exclusivamente pessoal.” (Q. 1000)

E aquele que se arrepende apenas no leito de morte? – pergunta Kardec, ao final deste item: “O arrependimento lhe apressa a reabilitação, mas não o absolve. Diante dele não se desdobra o futuro, que jamais se lhe tranca?”

“Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” – lembrava-nos, a todo instante o humilde João, o Batista, o precursor de Jesus...

A duração das penas é sempre o tempo necessário para que o Espírito se arrependa e melhore (Q. 1004). Deus é Pai, é Amor, é Perdão. Não há, portanto, penas eternas, nem filho que, com amor, um dia não chegue ao arrependimento com seus próprios passos... Somos todos filhos pródigos... (Q. 1003 a 1009)



animais); que um indivíduo tem talvez em seu corpo moléculas que já pertenceram a homens das primitivas idades do mundo; que essas mesmas moléculas orgânicas que absorveis nos alimentos provêm, possivelmente, do corpo de tal outro indivíduo que conhecestes e assim por diante. Existindo em quantidade definida a matéria e sendo indefinidas as suas combinações, como poderia cada um daqueles corpos reconstituir-se com os mesmos elementos? Há aí impossibilidade material. Racionalmente, pois, não se pode admitir a ressurreição da carne, senão como uma figura simbólica do fenômeno da reencarnação. E, então, nada mais há que aberre da razão, que esteja em contradição com os dados da Ciência.” (Nota de Kardec às Q. 1010 e 1011)

A porta do arrependimento está sempre aberta ao homem, seja no plano físico ou no espiritual (Q. 990). Quando no mundo espiritual, o Espírito compreende as imperfeições que o privam de ser feliz e por isso aspira a uma nova existência em que possa expiar suas faltas (Q. 991). Quando ainda na existência atual, acelera-nos o progresso, especialmente quando há tempo de repararmos as próprias faltas. “O arrependimento concorre para a melhoria do Espírito, mas ele tem que expiar o seu passado.” (Q. 992 e 999)

O fato é que para todos o arrependimento um dia chega, cedo ou tarde, mesmo para os mais empedernidos, seja pelo

“A Ciência demonstra a impossibilidade da ressurreição, segundo a ideia vulgar. Se os despojos do corpo humano se conservassem homogêneos, embora dispersos e reduzidos a pó, ainda se conceberia que pudessem reunir-se em dado momento. As coisas, porém, não se passam assim. O corpo é formado de elementos diversos: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono, etc. Pela decomposição, esses elementos se dispersam, mas para servir à formação de novos corpos, de tal sorte que uma mesma molécula, de carbono, por exemplo, terá entrado na composição de muitos milhares de corpos diferentes (falamos unicamente dos corpos humanos, sem ter em conta os dos



Não há no Universo lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos, segundo seus merecimentos.

“Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desgraça. E como eles estão por toda parte, nenhum lugar circunscrito ou fechado existe especialmente destinado a uma ou outra coisa.” (Q. 1012-1018)



“O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Estes, porém, não a deixarão, senão quando daí estejam banidos o orgulho e o egoísmo.

Predita foi a transformação da Humanidade e vos avizinhaís do momento em que se dará, momento cuja chegada apressam todos os homens que auxiliam o progresso. Essa transformação se verificará por meio da encarnação

de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova. Então, os Espíritos dos maus, que a morte vai ceifando dia a dia, e todos os que tentem deter a marcha das coisas serão daí excluídos, pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos adiantados, desempenhar missões penosas, trabalhando pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo que trabalharão pelo de seus irmãos ainda mais atrasados. Neste banimento de Espíritos da Terra transformada, não percebeis a sublime alegoria do Paraíso perdido e, na vinda do homem para a Terra em semelhantes condições, trazendo em si o gérmen de suas paixões e os vestígios da sua inferioridade primitiva, não descobris a não menos sublime alegoria do pecado original? Considerado deste ponto de vista, o pecado original se prende à natureza ainda imperfeita do homem que, assim, só é responsável por si mesmo, pelas suas próprias faltas e não pelas de seus pais.

Todos vós, homens de fé e de boa vontade, trabalhai, portanto, com ânimo e zelo na grande obra da regeneração, que colhereis pelo cêntuplo o grão que houverdes semeado. Ai dos que fecham os olhos à luz! Preparam para si mesmos longos séculos de trevas e decepções. Ai dos que fazem dos bens deste mundo a fonte de todas as suas alegrias! Terão que sofrer privações muito mais numerosas do que os gozos de que desfrutaram! Ai, sobretudo, dos egoístas! Não acharão quem os ajude a carregar o fardo de suas misérias.” SÃO LUÍS (Q. 1019)

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.

...

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se lhes associam. Nós vos convidamos, a vós homens, para o divino concerto. Tomai da lira, fazei uníssonas vossas vozes, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do Universo.

...

Trecho de instrução mediúnica que se encontra no Prefácio da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Kardec.